



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

GISLAINE FERREIRA DA SILVA LIMA

**O EMPODERAMENTO FEMININO NA DISCURSIVIDADE DO CONTO I LOVE MY
HUSBAND, DE NÉLIDA PINÓN**

MOSSORÓ

2021

GISLAINE FERREIRA DA SILVA LIMA

O EMPODERAMENTO FEMININO NA DISCURSIVIDADE DO CONTO I LOVE MY
HUSBAND, DE NÉLIDA PINÓN

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Orientador: Profa. Dr. Edgley Freire Tavares

MOSSORÓ

2021

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

L732e Lima, Gislaine Ferreira da Silva
O empoderamento feminino na discursividade do conto I
Love My Husband, de Nélide Pinõn. / Gislaine Ferreira da Silva
Lima. - Mossoró, 2022.
66p.

Orientador(a): Prof. Dr. Edgley Freire Tavares.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua
Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte.

1. Empoderamento feminino. 2. Análise do Discurso. 3.
literatura. 4. personagem feminina. I. Tavares, Edgley Freire. II.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

GISLAINE FERREIRA DA SILVA LIMA

O EMPODERAMENTO FEMININO NA DISCURSIVIDADE DO CONTO I LOVE MY
HUSBAND, DE NÉLIDA PINÕN

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovado em 16/04/2022.

Banca Examinadora

— — Prof. Dr. Edgley Freire Tavares – UERN — —
Orientador

Profa. Dra. Lúcia Helena Medeiros da Cunha Tavares – UERN
Examinadora

— — Profa. Me. Débora Caruline Pereira Silva – UERN — —
Examinadora

A meus pais Lúcia Ferreira e Pedro Pereira, também ao meu noivo, Kauan Brasil, os
quais nunca mediram esforços para me apoiar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me proporcionar força e perseverança para que eu pudesse me manter de pé e não desistir de minha vida pessoal e acadêmica.

A meus pais, Lúcia Ferreira e Pedro Pereira, os quais me acompanharam do início ao fim desta graduação, apoiando-me em todas as minhas escolhas.

A minha família, pelo apoio e pela ajuda, sem os quais, seria difícil concluir essa graduação.

Ao meu noivo, que esteve ao meu lado durante todo o processo de escrita desta monografia, dando-me apoio e forças para não desistir.

Também ao meu patrão, Vitor Luis, que me deu total apoio, deixando-me livre para usar os computadores da loja e assim poder escrever minha monografia.

Agradeço também aos meus amigos e companheiros de turma, Williane Vivian, João Batista, Nayara Michelle e Christian Douglas. Os meus sinceros agradecimentos pelos momentos de força, aprendizado e troca de experiência.

Agradeço ao meu orientador Edgley Freire Tavares, por aceitar trabalhar ao meu lado, sem ele eu não teria chegado até aqui. E por toda a paciência que teve comigo, também pela compreensão em meio às minhas limitações. Agradeço também pelos ensinamentos e contribuições.

Também sou grata às professoras Débora Caruline e Lúcia Helena por se disponibilizarem e aceitarem fazer parte da banca de examinadores deste trabalho, suas contribuições foram significativas para a conclusão desta monografia.

Grata sou, eternamente, aos meus queridos e amados colegas de turma, por tornarem esse período da minha vida mais leve. Diante dos momentos difíceis, foram eles que me estenderam a mão e me ajudaram a seguir em frente quando parecia que ia dar tudo errado. Levarei cada um em meu coração.

Agradeço a todos os professores da Faculdade de Letras e Artes (FALA), e todos os outros professores da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN), os quais contribuíram para a minha formação, em especial às professoras Josefa Francisca, Janaína Alves, Ana Remígio e Tatiane Xavier, as quais foram como mães, para mim, durante a minha formação.

Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. (Michel Foucault, 1996, p. 45)

RESUMO

Esta monografia faz uma abordagem no campo da Análise do Discurso Literário e apresenta como questão de pesquisa de que modos o empoderamento feminino se materializa histórica e semiologicamente como uma relação de saber e uma correlação de poder na narrativa em torno das personagens do conto *I Love My Husband*. *Este trabalho tem como objetivo geral* descrever na discursividade literária do conto *I Love My Husband*, de Nélide Pinõn, a materialização do empoderamento feminino como correlação de saber e poder histórica e semiologicamente central na construção da narrativa. Este trabalho conduzirá sua pesquisa com base na análise do discurso francesa, para isto, foi adotado o tipo de pesquisa qualitativo, com enfoque em textos bibliográficos (livros, artigos), apropriando-se de uma pesquisa experimental, onde será utilizado como objeto de estudo o conto *I Love My Husband*, de Nélide Pinõn (1980). Para a realização desta análise, far-se-á um levantamento das concepções de Fernandes (2008) e Maingueneau (2001 e 2003) a respeito da Análise do Discurso, também serão utilizadas as teorias de Foucault (2008) sobre enunciado e as relações existentes entre saber e poder. Afim de entender melhor a ideia de empoderamento, contar-se-á com as ideias de Baquero (2012), Tavares (2012) e da historiadora Juliana Bezerra (2020). Já na parte da literatura, Khalil (2008, 2013 e 2015), Borges (2010), Chartier (1999) e Culler (1999) contribuem, significativamente, para a compreensão da estrutura e funcionamento discursivo da linguagem literária. Com a pesquisa, observamos a forma como Pinõn (1980) ironiza os discursos, os saberes, as práticas e as memórias de uma sociedade patriarcalmente centrada, possibilitando a crítica das relações de gênero por meio de uma narrativa que caricatura a ideia de mulher submissa, tornando possível pensar a superação das velhas representações nas relações de gênero. Evidenciamos, portanto, que o empoderamento se manifesta como uma espécie de efeito leitor, quando a escritora Nélide Piñon trabalha os limites das imagens de submissão e em certos pontos as desconstrói por meio da ironia, levando o leitor a perceber que a postura e posicionamento demonstrados pela personagem feminina em relação ao seu marido não passam de uma visão que as pessoas têm em virtude de uma certa forma de compreender os papéis sociais do homem e da mulher.

Palavras-chave: Empoderamento feminino, Análise do Discurso, literatura, personagem feminina.

ABSTRACT

This monograph approaches the field of Literary Discourse Analysis and presents as a research question in which ways female empowerment materializes historically and semiologically as a relationship of knowledge and a correlation of power in the narrative around the characters of the short story *I Love My Husband*. The main objective of this work is to describe in the literary discursivity of the short story *I Love My Husband*, by Nélida Piñón, the materialization of female empowerment as a correlation of knowledge and power historically and semiologically centralized in the construction of the narrative. This work will conduct its research based on the analysis of French discourse, for this, the type of qualitative research was adopted, focusing on bibliographic texts (books, articles), appropriating an experimental research, in which will be used as an object of study the short story *I Love My Husband*, by Nélida Piñón (1980). To carry out this analysis, a survey will be made of Fernandes' (2008) and Maingueneau's (2001 and 2003) conceptions regarding Discourse Analysis, Foucault's theories (2008) on utterance and existing relationships between knowledge and power will also be used. In order to better understand the idea of empowerment, we will rely on the ideas of Baquero (2012), Tavares (2012) and the historian Juliana Bezerra (2020). In terms of literature, Khalil (2008, 2013 and 2015), Borges (2010), Chartier (1999) and Culler (1999) contribute significantly to the understanding of the discursive structure and functioning of literary language. With the research, we observe how Piñón (1980) ironizes the discourses, knowledge, practices and memories of a patriarchally centered society, enabling the critique of gender relations through a narrative that caricatures the idea of a submissive woman, making it possible to think about overcoming the old representations in gender relations. We evidence, therefore, that empowerment manifests itself as a kind of reader effect, when the writer Nélida Piñón works the limits of the images of submission and at certain points deconstructs them through irony, leading the reader to realize that the posture and positioning demonstrated by the female character in relation to her husband are nothing more than a vision that people have in virtue of a certain way of understanding the social roles of men and women.

Keywords: Female empowerment, Discourse Analysis, literature, female character.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. ANÁLISE DO DISCURSO E LITERATURA	13
2.1 A ANÁLISE DO DISCURSO E O ESTUDO DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS	13
2.2 A LITERATURA COMO OBJETO DA ANÁLISE DO DISCURSO	28
2.3 O GÊNERO CONTO COMO PRÁTICA DISCURSIVA LITERÁRIA.....	34
3. O EMPODERAMENTO FEMININO NO CONTO <i>I LOVE MY HUSBAND</i>, DE NÉLIDA PINÕN	42
3.1 O EMPODERAMENTO COMO CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E LITERÁRIA.....	42
3.2 ANÁLISE DO CONTO <i>I LOVE MY HUSBAND</i> , DE NÉLIDA PINÕN.....	45
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63

1. INTRODUÇÃO

Visando trabalhar a discursividade literária, decidimos investigar quais caminhos levam à problematização do empoderamento feminino no contexto dos estudos linguísticos e literários. Nossa missão é analisar o empoderamento como um saber e uma correlação de poder próprio do discurso feminista, tomando como fragmento literário de análise o conto *I Love My Husband*, de Nélide Pinõn.

O termo Empoderamento é originário do termo em inglês *empowerment* e pode ter significados como dar ou obter poder, todavia, esse poder não está relacionado à superioridade, mas à igualdade. Baquero (2012, p. 174) afirma que esse movimento surgiu “a partir dos movimentos emancipatórios relacionados ao exercício de cidadania – movimento dos negros, das mulheres, dos homossexuais, movimentos pelos direitos da pessoa deficiente”. Percebemos, a partir de suas palavras, que a busca pelo poder se deu por partes minoritárias do sistema, e isso não mudou, ainda hoje percebemos estes grupos de pessoas lutando por respeito e por um lugar de igualdade na sociedade. No caso deste trabalho, apresentaremos o empoderamento presente no discurso da personagem feminina do conto *I Love My Husband*, da autora Nélide Pinõn.

Abordar o empoderamento feminino é importante por se tratar de uma causa histórica, isso é visto em diversas partes da história, onde as mulheres lutaram pela igualdade de gêneros e por seus direitos. Esta luta persiste e, por este motivo, direitos como ter um emprego fora de casa e votar podem ser exercidos, porém, obviamente não devemos generalizar, é sabido que mulheres, em algumas partes do mundo, ainda sofrem a opressão de não poder serem donas de si. Um grande exemplo disso, hoje, são as mulheres do Afeganistão, que foram privadas de liberdade e têm que viver aprisionadas dentro de suas casas, sendo obrigadas a submeter-se por completo aos seus maridos e às atividades do lar. Em 2018 o site de notícias *Época Negócios* publicou uma lista, divulgada pelo Banco Central, com 104 países nos quais as mulheres são privadas, por lei, de exercer determinadas atividades pelo simples fato de serem mulheres.

Nesta monografia analisaremos a discursividade literária e o modo como a literatura atualiza a problemática do empoderamento. *I Love My Husband* é um conto

de Nélide Pinõn, que foi publicado em 1980, na obra *O Calor Das Coisas*. O conto nos apresenta um casal da época e, na ausência de nomes, subentende-se que a autora trata da realidade de todos, ou da maioria dos casais daquele período, não apenas de um caso específico. Nele encontramos uma mulher, aparentemente, convencida da vida que leva, mas que em seu pensamento imagina situações de liberdade e questiona seu papel na sociedade. A ironia é um aspecto forte do texto.

Em buscas pelo estado da arte, encontramos alguns autores que analisaram o conto, o primeiro deles foi Douglas Moiano, em seu artigo *A Identidade Feminina em "I Love My Husband", de Nélide Pinõn (2011)*. Ele aponta as características que aquela esposa tem, uma mulher totalmente submissa ao seu marido, criada para ser uma dona de casa, boa esposa e mãe, a qual, no único momento em que abre a boca para se expressar, arrepende-se, passando a tratar seu marido com muito mais submissão e cuidados, afim de não o irritar. Moiano (2011) aponta seu pensamento de que o comodismo em que ela vive lhe basta, e que fazer o melhor pelo conforto de seu marido é o suficiente para a sua vida.

Também nos deparamos com o artigo científico *Condição Feminina em I Love My Husband, de Nélide Pinõn (2015)*, escrito por Francycelle da Silva e Patrícia Príncipe as quais abordam as condições de vida das mulheres daquela época (criadas para servir a seus maridos e cuidar de seus filhos), elas fazem essa alusão à esposa do conto. As autoras apontam a inferioridade, opressão e desumanização vividas por aquela mulher, destacando o momento em que o marido afirma “[...] mulher tem que ser só minha e nem mesmo dela” (PINÕN, 2001, p. 20), uma grande demonstração do machismo que perdura até os dias atuais. O que os autores trazem em comum é sua análise fundamentada no pensamento literário. O objetivo deste projeto é questionar o texto literário do ponto de vista da análise do discurso, analisando as materialidades que discursivizam sobre o saber feminino e o empoderamento na construção da narrativa do conto, discutindo o enunciado numa formação discursiva. Para isso, contaremos com a historiografia feminista e com a visão de outros autores sobre poder, sujeito e liberdade do ponto de vista da teoria do discurso.

2. ANÁLISE DO DISCURSO E LITERATURA

2.1 A ANÁLISE DO DISCURSO E O ESTUDO DAS PRÁTICAS DISCURSIVAS

Para falar sobre análise do discurso é importante destacar o que é análise do discurso, apresentando seu significado do ponto de vista de diferentes autores. A princípio devemos ter uma noção sobre o que é discurso. A fim de trazer um significado a esse termo, partimos de Fernandes (2008), o qual destaca que um texto escrito não é, necessariamente, um discurso, bem como a língua e a fala propriamente ditas. Para o autor, o discurso vai além dessas características separadas, ele é algo natural que reúne esses traços em um todo no momento em que um ser social interage com outro. No conto *I Love My Husband*, de Nélide Pinõn (1980), podemos ver bem essa união de características, temos um texto com um discurso que pode ou não ser visto pelo leitor como uma forma de comunicação entre o narrador e o leitor. O conto em questão traz um discurso de empoderamento, com o relato de uma mulher que entende seu potencial e sabe que pode ser muito mais do que aprendeu ao longo de sua vida sobre o que é ser mulher. Fernandes ressalta que “o discurso não é a língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material e/ou real” (2008, p. 13). Olhar para o discurso literário exige bem mais que olhar apenas para o texto e sua gramática, é uma questão de entender o que o discurso presente na fala dos personagens do texto transmite, é interpretar os sentidos presentes nesses discursos, compreender sua historicidade.

Para que um texto se torne um discurso, é necessário que alguém lhe dê esse sentido, seja conversando ou escrevendo para alguém. Afinal, o que torna um texto discurso, é a produção de efeitos no social, a produção de efeitos de sentido, uma provocação, uma reflexão e uma necessidade de olhar diferente as relações de gênero. Como cita Fernandes (2008), esse discurso pode vir tanto de forma oral, como escrita, corporal e através de imagens, a mímica é um bom exemplo de discurso através de linguagem corporal. Muitos livros infantis contam apenas com ilustrações as quais instigam a criança a usar a imaginação para entender a história, esse é apenas um dos exemplos de discurso através de imagens, mas podemos citar placas de trânsito, imagens que mostram emoções através do olhar e da forma como a

pessoa que aparece na mesma se comporta e muitas outras utilizadas para campanhas e propagandas as quais, com apenas imagens nos levam a entender a que se referem e os sentidos que emanam dali.

Esse discurso produz efeitos socialmente importantes em virtude de sua historicidade enunciativa. Segundo Fernandes (2008, p. 36), os enunciados são “integrantes de diferentes discursos” que nos levam a investigar de quais conflitos e espaços sociais esses enunciados vieram e, conseqüentemente, o que abordam. Orlandi (2008) afirma que o discurso é contínuo, sendo assim, ele dá continuidade a algo já dito antes, a autora afirma que o homem se constitui como ser social através da linguagem e que a língua tem materialidade histórica. O empoderamento feminino, é um tema abordado desde sempre e que vem ganhando força com o passar dos anos. Falar sobre empoderamento é algo histórico que se torna presente por sua atualidade. Isso é um efeito histórico, é um saber e uma relação de poder que aparece a partir da linguagem, a literatura é uma das formas de tornar visível o empoderamento e seus efeitos sociais. E para falar sobre empoderamento, é importante investigar como essa questão surgiu, levando em conta sua historicidade e os conflitos que o tema aborda.

Partindo dessa ideia de discurso, Fernandes (2008) afirma que, para fazer a análise de um discurso, faz-se uma interpretação do próprio indivíduo e do que ele disse ao pronunciar determinadas palavras. Observa-se o movimentar da ideia social e historicamente construída como um saber sobre as coisas, no caso desta monografia, o empoderamento feminino. Para que Nélide Pinõn trouxesse a ideia de empoderamento feminino aos seus textos, foi necessário que ela investigasse o que outros autores já escreveram sobre o tema. Fernandes (2008) afirma que um mesmo termo pode ser utilizado em diferentes discursos e trazer diferentes significados, isso é uma questão de colocação. Alguns autores podem fazer uso do termo feminismo, outros de empoderamento feminino, os significados vão variar de acordo com o contexto em que essas palavras serão inseridas nos textos. O lugar, o sujeito falante e a situação podem influenciar nessa mudança de sentido. Fernandes (2008) vê essa pluralidade da língua como uma forma de afirmar que a língua faz parte da história em sua construção e na produção de sentidos. Henriques (2011) diz que essa pluralidade das definições poder ajudar na compreensão do texto (mas que também podem

atrapalhar). Borges (2010) fala sobre a pluralidade da língua (atrelada à instabilidade do texto) como algo que apresenta diferentes significados e multiplicidades de sentidos, como já citado antes, esses significados podem variar de acordo com o uso e a posição da palavra no discurso.

Voltando à noção de discurso, Fernandes (2008) torna a falar acerca do quanto um texto precisa de um sujeito para torná-lo discurso. A divergência de pensamentos entre duas pessoas gera um debate e isso torna-se um discurso. O autor cita que o discurso “constitui-se de conflitos próprios à existência de tudo que tem vida social” (FERNANDES, 2008, p. 16), sendo assim, podemos concluir que, para que exista o discurso é necessária uma divergência de pensamentos, pois essa diferença de ideias gera um debate o qual é considerado um discurso, onde um indivíduo vai tentar convencer o outro de que o seu pensamento é o certo ou persuadi-lo a aceitar o seu ponto de vista, mesmo que este outro indivíduo continue sem concordar.

A linguista brasileira Eni Orlandi (2003) cita o discurso como ação social, quando diz que “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia [sic] de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2003, p. 15).

Fazer uma análise é interpretar o objeto analisado. Ao analisar um discurso, nós interpretamos o sujeito falante e temos “a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais” (FERNANDES, 2008, p. 14). Analisando um sujeito enquanto ele fala podemos observar seu comportamento, as palavras que ele emprega em seu discurso, a coerência presente entre um episódio e outro de sua fala, a intensão de sua fala, suas colocações, podemos também associar ao que já conhecemos de seu discurso, dessa forma percebemos algumas atitudes que podem nos ajudar a entender o sujeito falante.

Ao analisar um discurso, entramos em contato, com questões pertinentes ao coletivo, como é o caso da temática que perpassa o nosso objeto de estudos, o conto *I Love My Husband*, de Nélide Pinõn (1980). A autora, ao produzir o conto *I Love My Husband* (1980), nos apresenta um tema pertinente e de interesse social, o empoderamento feminino. No conto, a autora traz o empoderamento de forma clara e objetiva, a partir do discurso presente nos pensamentos da personagem feminina. Os

textos de Nélida Pinõn, por exemplo, nos remetem às mulheres, à suas lutas e ao seu empoderamento, através de seus textos podemos ver a autora como alguém que defende as causas feministas.

Assim como Pinõn apresenta causas feministas como um tema pertinente em seus textos, Monteiro Lobato, retrata a figura do negro aos olhos de muita gente do período em que o autor viveu. Diferente de Pinõn, que mostra a mulher como um ser empoderado a qual vai quebrando paradigmas sociais, Lobato, em seus textos, tende a apresentar negros de forma racista, como escravos ou classes muito baixas perante os demais da sociedade, Bocatorta e Sítio do Pica-Pau Amarelo trazem exemplos. Através disso, alguns analistas apontam que o autor carregava uma visão racista acerca dos negros em seus textos. Lajolo (1998) fala em seu artigo sobre O Negro Nas Obras De Monteiro Lobato, a autora diz que os textos de Lobato apresentam características racistas, mas que isso faz parte da realidade brasileira. Lajolo (1998) não encara o autor como alguém racista, mas afirma que seus textos representam o negro de forma racista. Não podemos dizer que o autor era racista, mas podemos concluir que sua escrita representava os textos de forma racista.

Análise do Discurso é, para Fernandes (2008), uma teoria dos estudos da linguagem que explora o discurso a partir de teorias da linguagem, do sujeito e da história. Segundo ele, a Análise do Discurso ultrapassa a comunicação entre as disciplinas, fazendo um cruzamento de saberes teóricos. Fernandes (2008) afirma que não é o discurso do sujeito individual o foco da Análise do Discurso, mas o sujeito inserido num contexto social. O sujeito discursivo vem revestido de características específicas, precisando que seu discurso seja heterogêneo, ou seja, apresente novas informações, também é necessário englobar um tema relevante para que possa ser escolhido para análise.

Conforme Fernandes (2008), o discurso tem o poder de revelar a realidade política, social e ideológica daquele que o enuncia por meio de suas escolhas lexicais, a qual configura um efeito de sentido dentro do próprio discurso. Com base nesse pensamento do autor, podemos fazer uma melhor análise da posição social em que a própria Nélida Pinõn se encaixa, seus enunciados trazem uma ideia de empoderamento feminino, nos levando a ver a autora como uma mulher empoderada e com poder tanto político quanto social. Entrando em seu perfil presente no site oficial

da Academia Brasileira de Letras, podemos ter uma melhor ideia da posição social da autora.

Fernandes (2008) também fala sobre a “contemporaneidade brasileira” acerca da análise do discurso francesa, e aponta que os argumentos referentes à elaboração da identidade e ao desenvolvimento de subjetivação (de modo singular), passam perto da construção do sujeito discursivo. No caso da construção do sujeito discursivo na narrativa literária, é importante diferenciar a pessoa do autor, que é quem ele é na vida real, o autor, que é responsável por construir o discurso, este costuma ter características específicas em seus textos, o narrador, que é a pessoa que conta a história e os personagens, os quais podem ou não narrar o texto.

A análise do discurso vai muito além de interpretar o discurso em si, ela também interpreta o sujeito como um ser discursivo. A ideia de percurso que a Orlandi (2003) apresenta nos leva a pensar na historicidade do discurso. A análise de um texto ou de uma fala nos leva a investigar os efeitos de verdade que ele causa. O objeto de análise deste trabalho é um conto, e o conto é um jogo de linguagem que busca produzir um efeito de verdade, o que o leva a merecer ser analisado. Ao longo de nossa pesquisa, conhecemos novos discursos os quais também abordam os temas que procuramos. A escrita de uma monografia, por exemplo. Para falar de análise do discurso é importante entender o que é análise, discurso, enunciado e tudo o que gira em torno dela. Através da pesquisa adquirimos novos pensamentos que vão complementando o que já conhecemos e assim vamos amadurecendo ideias e dando novos significados para a nossa pesquisa.

Orlandi (2008), por sua vez, nos traz os processos existentes para que o discurso possa ser formado. Estes processos são três os quais são divididos em “constituição, formulação e circulação”, nesta mesma ordem. A constituição é o processo da mente, onde o sujeito guarda e articula a ideia através de memórias, como faz a personagem do conto *I Love My Husband*, de Nélide Pinõn (1980), ela articula seu discurso através de sua mente, dando-nos, em pensamento a informação que precisamos para entender o seu discurso. A formulação é o momento que o sujeito articula seus saberes para que o discurso possa enfim se dito e, através da circulação, ser levado a outras pessoas.

Segundo Orlandi (2008, p. 9) “É na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde)”, a autora deixa claro que a formulação é um ponto importante para o discurso, pois é ela quem dará corpo ao sentido. A formulação é o que dará vida ao discurso, ela unirá fala, língua, sentido, som, indivíduo e sociedade para que o discurso possa existir. A autora ainda ressalta que o discurso é um dos contribuintes para a formação do sujeito histórico, ajudando o sujeito a determinar o que diz, seja esse dizer aceito por todos ou não.

Dizer que o discurso forma o sujeito enquanto ser social é plausível quando paramos para analisar que ninguém consegue socializar sem o seu uso. Imagens, gestos, sons e palavras são meios que o ser humano encontra para conseguir se comunicar e, assim, socializar com os demais sujeitos. Um surdo, por exemplo, não fala por não ouvir e, por isso, não consegue emitir sons de palavras, mas através da linguagem de sinais ele consegue se comunicar com outras pessoas e assim se tornar um sujeito social. A discursividade acerca de empoderamento feminino também entra nessa lista, afinal, sem o discurso feminista, hoje, muitas mulheres, não teriam alguns direitos que já foram conquistados, como o direito ao voto e a trabalhar. Todavia, vale ressaltar que, infelizmente, estes direitos ainda não abrangem as mulheres de todo o mundo, há países como a Síria, por exemplo, onde as mulheres não têm nenhum tipo de direito e ainda são tratadas como objetos pelos homens.

O discurso une pessoas, mas ele precisa ter sentido para se tornar discurso, ele precisa de contexto e, por sua vez, de história. A esse respeito Corrêa e Ribeiro atestam que:

O dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo e seu princípio de ação. O sujeito, então, se constitui discursivamente ao apreender vozes sociais que conformam a realidade em que se insere e, ao mesmo tempo, suas inter-relações. O sujeito é integralmente social e integralmente singular: cada indivíduo tem uma história particular de constituição de seu mundo interior e interage de modo único com o mundo. (CORRÊA e RIBEIRO, 2012,p. 336)

Para falar de empoderamento, por exemplo, é necessário que haja, a princípio, uma pesquisa que nos leve a entender que “empoderar” significa dar ou receber poder de forma a se garantir igualdade diante de outras pessoas que ocupam o mesmo

espaço que você. E como podemos chegar a esse conhecimento? Através de pesquisas que podem ser feitas tanto em dicionários como através de textos de outras pessoas que um dia se dedicaram a falar acerca do empoderamento. No caso deste projeto, o conto *I Love My Husband*, da autora Nélide Pinõn, o qual retrata o empoderamento de uma mulher que viveu no período durante a ditadura militar foi o ponto de partida para que pudéssemos pesquisar e entender o significado do termo “empoderar”. Como já mencionado antes, o termo citado tem como significado dar ou obter poder, e que poder é esse que encontramos no discurso da personagem feminina do conto analisado? O poder de liberdade. Ela se liberta mentalmente, trazendo, em seus pensamentos, a ideia de que pode ser muito mais do que a intitulam e fazer muito mais do que acreditam que ela pode e deve.

Partindo para Gregolin (2006), a autora nos apresenta o surgimento da análise do discurso. Ela mostra, a partir de Pêcheux (1982) esse surgimento através de Saussure, o qual é conhecido por ser fundador de muita coisa, e que também recebe o título de pai da linguística. Para que a análise do discurso surgisse, era necessário entender qual o objeto da ciência linguística e como esse objeto poderia ser analisado. Saussure questionou-se acerca de qual seria o objeto da ciência linguística e compreendeu que a complexidade da língua se dá por sua dualidade articulatória e acústica, a qual faz um recorte entre som e sentido, indivíduo e sociedade, fala e língua (GREGOLIN, 2006, p. 20). Podemos perceber que o autor entendeu esse recorte como discurso. Com relação a como o discurso torna-se o objeto do campo de estudos da análise do discurso, no livro Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso – Diálogos & Duelos, Gregolin faz a seguinte observação “A análise do discurso, na proposta pecheutiana, estabelecerá seu objeto – discurso – a partir da crítica a esse corte entre língua e fala operado por Saussure” (GREGOLIN, 2006, p. 23).

Neste momento podemos fazer uma correlação existente entre os pensamentos de Gregolin (2006) e Fernandes (2008) acerca da análise do discurso e de seu campo de estudo. A partir de tudo que Gregolin (2006) apresenta em seu texto sobre o discurso e sua análise, notamos suas observações caminhando com as noções de discurso de Fernandes (2008), onde a fala e a língua propriamente ditas necessitam de um sujeito social que lhes transformem em discurso. Uma diferença entre os autores é que Fernandes (2008) fala sobre o discurso e sua análise, trazendo

esse olhar de recorte das estruturas linguísticas, mas não menciona o discurso como objeto teórico desse campo de estudo nem apresenta quem fez essa descoberta como a Gregolin (2006) faz.

A análise do discurso é uma ancoragem teórica fundamental para entendermos o nosso tempo, pois é através dela que somos familiarizados com nossa história e nossas questões de vida. A leitura de textos antigos nos levam a entender sociedades e culturas, porém, para que haja compreensão dessas teorias, é necessário que haja uma análise dos textos que nos são disponibilizados. A leitura nos leva ao conhecimento dos fatos, a análise nos leva ao entendimento. Ao ler e ouvir acerca do empoderamento feminino, nós sabemos que mulheres se uniram em busca de igualdade, ao analisarmos textos e discursos orais que remetem ao empoderamento feminino, nós entendemos o porquê desse movimento existir. O movimento feminista surgiu para acabar não só com a desigualdade, mas com as injustiças sofridas pelas mulheres de todos os períodos e épocas, as quais tinham que aguentar caladas as injustiças, ameaças, agressões (físicas, morais e psicológicas) as quais eram submetidas dentro e fora de suas casas.

Lutar por uma sociedade mais justa sempre pareceu uma boa causa para as mulheres, mas infelizmente ainda há grupos de pessoas que veem isso como algo desnecessário, pois acreditam que não há desigualdade entre os gêneros. Cabe a nós colocarmos em pauta os milhares de casos de mulheres que são mortas, anualmente, por seus companheiros e por desconhecidos na rua pelo simples fato de não aceitar viver em um relacionamento abusivo ou não ceder a certas provocações sofridas na rua. Mulheres são espancadas e mortas pelo simples fato de ser mulher. A PhD Tavares (2012, p. 57) destaca que “a mulher, durante muito tempo, seja em espaço privado ou público foi tratada como um ser frágil, submisso e sem vontade própria”, desta afirmação nos questionamos, ser vista como “ser frágil e sem vontade própria” é justificativa para ser violentada física ou psicologicamente, tratada como incapaz ou inferior? A mulher passou muito tempo da sua existência sendo inferiorizada, silenciada e objetivada. O “sexo frágil” resolveu lutar e essa luta vem lhe garantindo muitas vitórias que pareciam impossíveis de serem alcançadas, ainda há muito o que se conquistar, mas se temos o direito de ir e vir, votar e sermos

independentes, devemos isso às várias mulheres que deram suas vidas em favor desta causa.

A professora Tavares salienta que:

Hoje a mulher encontra espaço nos mais diversificados lugares profissionais. Porém, não só o mundo intelectual, o da moda, o da fama está abrindo espaço para a mulher, mas também o mundo do trabalho duro, da força física, antes tão condenado para a mulher, por ser ela considerada um sexo frágil. (TAVARES, 2012, p. 139)

Foi graças à luta de milhares de mulheres que isso se tornou possível. É necessário destacar que o feminismo não é algo recente, é um movimento histórico que, aos poucos, vai rompendo as algemas que a sociedade pôs nas mulheres, quebrando os estereótipos e mostrando a verdadeira força e o poder da mulher. Abrindo novas oportunidades para as atuais e futuras gerações. Hoje as mulheres ocupam um lugar no mundo que no passado era inimaginável, o empoderamento feminino está presente em cada nova conquista, desde o voto ao poder sair de casa para trabalhar, morar sozinha, ser dona de si e poder fazer o que quiser. Podemos deduzir que foi através do discurso que as mulheres começaram sua luta e conquistaram tudo que as mulheres têm direito hoje. É através do discurso que este trabalho analisará a formação do empoderamento feminino no texto *I Love My Husband* (1980).

A análise do discurso é formada a partir do discurso, e Foucault (2008) o denomina como:

Um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. (FOUCAULT, 2008, p. 132)

Esses enunciados costumam ser apresentados de forma simplificada, afim de facilitar a compreensão de quem os lê ou ouve. Com esta afirmação do autor, podemos dizer que o discurso de empoderamento feminino é um conjunto, e o conto *I Love My Husband* (1980) é um fragmento desse conjunto. De forma simplificada, podemos dizer que analisar um discurso é interpretar o que esse conjunto de enunciados transmite. Por exemplo, para analisar um discurso literário, é necessário investigar a partir de que conjuntos de enunciados o texto se origina e o que ele expressa. No conto *I Love My Husband* (1980), a autora Nélide Pinõn expressa, no

discurso da personagem feminina, um texto cheio de ironias, porém com uma linguagem clara e concisa, facilitando ao leitor o entendimento de que há uma noção de empoderamento presente na fala da mulher do conto.

Oliveira (2003) apresenta uma pequena tabela, onde classifica as diferenças do texto literário e do texto não-literário. A autora cita que, enquanto o texto literário é “subjetivo, conotativo, intuitivo/criativo, apresentando relevância do plano da expressão, várias interpretações e sendo plurissignificante” (OLIVEIRA, 2003, p.85), o texto não-literário é “objetivo, denotativo, racional, apresentando relevância do plano do conteúdo, tendo uma única interpretação e sendo univalente” (OLIVEIRA, 2003, p. 85). A partir desses apontamentos percebemos que os textos literários não demonstram muito interesse em apresentar o texto de forma simplificada, seus discursos podem abranger várias interpretações. Entretanto, parte dos contos costuma trazer uma linguagem simples, dando ao leitor uma melhor experiência de leitura, facilitando o seu entendimento. Uma pessoa pode facilmente interpretar a frase “Eu amo o meu marido” (Frase tirada do conto *I Love My Husband*, Nélida Pinõn (1980)) como algo romântico. É fácil dizer que essa mulher está, ao longo do texto, demonstrando, através de seus atos e falas, o amor que tem pelo seu marido, mas quando partimos para a análise de seu discurso, notamos que essa mulher parece ter sido coagida a falar essa frase repetidas vezes, bem como ela parece tentar se convencer de que sua submissão excessiva é uma prova de amor por parte dela.

Com relação ao que entendemos e pesquisamos em dicionários por enunciado, ele pode ser uma frase, a parte de um texto ou um texto por completo, o enunciado é uma apresentação precisa de uma afirmação. Quando transmitimos algo, queremos que nossa mensagem seja entendida, para isso, formulamos um discurso compreensível ao nosso ouvinte. Foucault (2008) define o enunciado como:

Mais que um elemento entre outros, mais que um recorte demarcável em um certo nível de análise, trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presentes ou não. (FOUCAULT, 2008, p.98)

O enunciado em Foucault (2008), dirá se existe ou não uma frase, um discurso, uma proposição, um ato de fala, enfim, o enunciado dita se um conjunto de palavras tem ou não significado e sentido. Ao analisarmos um discurso, fazemos a interpretação de uma série de enunciados que nos auxiliam a entender o que o sujeito

discursivo quer fazer movimentar em seu dizer. Na análise do discurso o enunciado é a unidade de análise, ou seja, ele é o ponto a partir de onde a análise será feita e, no caso deste projeto, o conto de Nélide Pinõn é o enunciado a ser analisado.

É importante salientar que o enunciado é a unidade do discurso e o discurso é o objeto de análise da Análise do Discurso. Fernandes (2008) fala sobre o discurso como objeto teórico da Análise do Discurso, o autor enfatiza:

Podemos afirmar que discurso, tomado como objeto da Análise do Discurso, não é a língua, nem texto, nem a fala, mas necessita de elementos lingüísticos [sic] para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente lingüística [sic]. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. Assim, observamos, em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos em debate e/ou divergência, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema. As posições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares. (FERNANDES, 2008, p. 13)

Diante desta afirmação, e da perspectiva de Foucault (2008) acerca de enunciado, percebemos o porquê de o enunciado ser a unidade do discurso, a depender do contexto apresentado, o discurso assumirá uma interpretação e uma representação distinta, é através do conjunto de enunciados que será interpretado o discurso. Podemos usar como exemplo o movimento feminista, para mulheres e pessoas que entendem e defendem a causa, é um movimento muito importante que quebra barreiras sociais, mas para aqueles que não compreendem sua importância e continuam presos ao patriarcalismo, não passa de “besteira”, sendo compreendido como algo desnecessário.

O conto *I Love My Husband*, de Nélide Pinõn (1980) traz os pensamentos de uma mulher que entendia que podia ser mais que dona de casa, mãe e esposa. Uma mulher ciente de que poderia ser parceira de seu esposo também na parte financeira, e que tinha ciência de que podia sim ser digna de algum poder social. O discurso presente no conto mostra um empoderamento que a própria personagem se deu em suas memórias e em suas ações. O dizer da personagem faz movimentar a ideia de que mesmo em meio à opressão é possível se empoderar, é possível imaginar e arriscar ter uma posição de igualdade na sociedade.

O conto analisado faz uma interdiscursividade com o saber das teóricas feministas, trazendo, através dos discursos ditos em pensamentos da personagem

feminina, uma grande esperança de uma desejada liberdade, aparentemente impossível de se alcançar. A história presente no conto deixa uma brecha de que o casal protagonista vive no período da ditadura militar, ainda com as mulheres sem o mínimo direito perante a sociedade. A protagonista menciona “sempre me disseram que a alma da mulher surgia unicamente no leito, ungido seu sexo pelo homem” (PINÕN, 1980, p. 22), antes disso ela relata o “não envelhecer” em virtude da falta de vivências, sendo poupada por seu marido de adquirir marcas de uma vida cheia de conquistas. A personagem também relembra que seu irmão, ainda na pia batismal foi apresentado como “homem”, sem a necessidade de deitar-se com uma mulher, sendo ela, unicamente mulher depois da consumação do casamento.

Como mulher que sempre reconheceu seu valor e carrega centenas de prêmios recebidos por suas conquistas, também por ser uma mulher que defende e acompanha o feminismo desde criança, Pinõn tem autoridade para falar sobre empoderamento feminino. A forma como a autora retrata a personagem feminina pode ser vista como uma forma de protesto contra uma sociedade machista que objetivava a mulher e a levava a crer que era insignificante e incapaz de realizar as mesmas tarefas que o homem. Pinõn (1980) apresenta um retrato das velhas imagens da mulher na sociedade, exibindo, de forma irônica, o cotidiano de um casal burguês do século XX, um homem machista, em uma sociedade machista, acreditando ter poder sobre a esposa, que demonstra submissão, mas reconhece a posição em que vive e, de forma caricaturada, finge conformidade. O texto causa um certo desconforto em quem o lê, e essa é a intenção de Nélide Pinõn, fazer-nos refletir sobre a posição da mulher em uma sociedade que a objetifica. A autora nos inquieta, levando-nos a perceber o quão difícil era (e ainda é) ser mulher em uma sociedade machista que só consegue enxergar a figura feminina como uma serviçal que deve ter sua vida resumida ao lar e à satisfação de seu marido.

Em uma entrevista dada ao blog do Grupo Editorial Record, em 2016, Pinõn relembra sua infância e, diferente da personagem de seu conto, ela demonstra ter sido criada para ser dona do seu futuro. A autora recorda que seus pais investiram em seu conhecimento, levando-a a óperas e apresentações teatrais, também a apoiando em suas escolhas, como no dia em que a autora comprou uma máquina de escrever e

deixou o pagamento sob a responsabilidade de seu pai, o qual não mediu esforços para pagar.

Ainda na entrevista ao blog do Grupo Editorial Record, Pinõn demonstra sua indignação com a pouca visibilidade que muitas autoras brasileiras têm em virtude da privação educacional sofrida no passado. A autora vê grande potencial nos textos dessas escritoras, porém deixa claro que não havia como existir tratamento diferente tendo em vista que, no passado, a mulher foi privada de conhecer a história, a escrita e a cultura do país. Ela afirma que as mulheres do Brasil passado eram como objetos nas mãos de seus “donos” os quais lhes alimentavam para que pudessem sobreviver. As palavras desse pequeno parágrafo do discurso de Pinõn nos mostram o tamanho da importância que o empoderamento tem na vida das mulheres.

Pinõn continua seu discurso trazendo um parágrafo que nos leva a refletir acerca do conto escolhido para análise neste percurso de pesquisa, dizendo que a escrita da mulher que vivia à sombra de um dono era feita através de memórias, seu diário era sua mente e seus pensamentos os discursos de liberdade que lhes restavam. A personagem feminina do conto *I Love My Husband* (1980) também vivia aprisionada e tinha como escape para a liberdade a sua mente. Nota-se que Pinõn tem autoridade ao falar do feminismo e do empoderamento feminino por ser uma mulher empoderada. Pinõn não se permitiu ser tratada como inferior, desde cedo ela soube reconhecer o seu valor, e através de seus estudos compreendeu a dura realidade que viviam as mulheres do passado, ela sabia que não merecia ser tratada como menor e não permitiu que a menosprezassem.

Nélida Pinõn é um grande exemplo de mulher empoderada, e ela acredita que os discursos criados na memória de milhares de mulheres, que sabiam que mereciam mais, eram apenas o início de algo muito maior. Como a autora mesma mencionou esses pensamentos eram “um discurso de servidão que, praticado à meia-luz, sob a certeza de uma existência vivida pela metade, forçou a mulher a criar um acervo do qual só ela dispunha da chave, mas que seria no futuro seu patrimônio narrativo” (PINÕN, 2016).

Ou seja, muitas mulheres usariam suas memórias como fonte de inspiração para contar suas próprias histórias. Outras teriam a oportunidade de contar suas histórias para terceiros que escreveriam e mostrariam ao mundo a realidade vivida

por mulheres do passado. E com passado, Pinõn não apresenta um período específico, levando-nos a entender que a autora fala da mulher no geral, desde o princípio da criação. Vale salientar que, segundo Fernandes (2008, p. 15) “Analisar o discurso implica interpretar os sujeitos falando, tendo a produção de sentidos como parte integrante de suas atividades sociais”. Ressaltando que, neste ponto, estamos analisando o discurso da autora, a qual fala sobre a mulher e suas contribuições para a literatura através de suas memórias. Em virtude da falta de especificação sobre tempo, concluímos que Pinõn fez uma abrangência das mulheres num todo.

Percebemos Pinõn demonstrar, em suas palavras, de onde surge sua escrita, a partir de sua visão de que, no passado, as mulheres eram forçadas a esconder seus pensamentos em suas mentes, guardando para elas seu discurso de empoderamento e suas reais intenções sobre a vida. Foucault (2008) fala sobre o processo de formação discursiva, segundo ele:

Uma formação discursiva se define (pelo menos quanto a seus objetos) se se puder estabelecer um conjunto semelhante; se se puder mostrar como qualquer objeto do discurso em questão aí encontra seu lugar e sua lei de aparecimento; se se puder mostrar que ele pode dar origem, simultânea ou sucessivamente, a objetos que se excluem, sem que ele próprio tenha de se modificar. (FOUCAULT, 2008, p. 54-55)

Baseado no que o autor destaca, percebemos o discurso nos textos de Pinõn se formando através da enunciação sobre empoderamento feminino. É através de um conjunto de enunciados voltados ao tema que a autora acrescenta suas ideias. Nélida Pinõn não deu início ao tema, mas contribuiu para que ele tivesse continuidade, dando suas contribuições através dos seus textos e de suas realizações pessoais.

Percebemos no discurso de Pinõn e em sua escrita o que Fernandes (2008) apresenta como discurso político:

A ação política, em forma de discurso, apresenta valores ideológicos na construção de determinados espaços sociais. Nessa perspectiva, as relações de poder se constroem, e as representações de poder confrontam e alteram-se, mudando, conseqüentemente [sic] o lugar de onde vozes produzem enunciações, de onde os discursos são produzidos. As relações de poder são preenchidas politicamente por ideologia e, em conformidade com as mudanças que sofrem, diferentes vozes ideológicas enunciam construindo diferentes rumos na História. (FERNANDES, 2008, p. 45)

O conto analisado neste trabalho nos apresenta as condições em que viviam as mulheres no passado, a entrevista que Pinõn concedeu ao Grupo Editorial Record traz uma representação da mulher e de sua luta por igualdade e liberdade sem uma

data específica, levando-nos a pensar na mulher desde os primórdios da humanidade. Percebemos o discurso e a escrita de Pinõn construindo uma imagem de empoderamento da figura feminina, dando voz a quem antes não tinha, em um período em que a mulher não era ouvida nem valorizada. Pinõn dá um rumo diferente na história da mulher de seu conto *I Love My Husband*, a autora faz uso de uma linguagem caricaturada para demonstrar que a personagem feminina aceita as condições em que vive, levando-nos a perceber a necessidade que a esposa tinha de se libertar e virar dona de si e de seu destino.

Nélida Pinõn aponta que muitas das histórias de mulheres do passado não têm assinatura¹, portanto não se sabe quem de fato as escreveu, pois, o receio de serem descobertas era maior que o desejo de serem reconhecidas. Muitas histórias foram contadas em salões, outras foram escritas e guardadas em gavetas sem assinatura para que não descobrissem quem as escreveu. O fato é que hoje, conhecemos a história das mulheres do passado pela coragem que poucas tiveram de registrar aquilo que guardaram em suas mentes.

Ainda hoje se encontra mulheres com medo de se expor, Pinõn acrescenta em seu discurso ao Grupo Editorial Record que os casos de feminicídio devem ser registrados para que as mulheres do futuro entendam o porquê da existência do feminismo. A autora conta que sofreu preconceito ao optar por trabalhar com literatura, justamente pelos preconceitos que existiam em virtude da educação feminina e de sua capacidade para aprender. Pinõn não desistiu de lutar pelo que acreditava em virtude desse preconceito, diferente disso, a autora mostrou sua capacidade, pois sabia que para se tornar a grande escritora que é, só dependia dela mesma, afim de provar sua visão ela se esforçou e conquistou seu lugar na literatura brasileira.

Ao fazer a leitura da entrevista que encontramos de Pinõn na página do Grupo Editorial Record, perceberemos que faz sentido para a autora escrever sobre o feminismo, pois, nele, Pinõn afirma ter se dedicado desde cedo à causa feminista. Nélida Pinõn tem autoridade para falar da mulher como um ser empoderado, porque ela é uma mulher empoderada. Seus textos refletem o que ela acredita e defende desde criança. Percebemos isso no conto *I Love My Husband* (1980), onde a autora nos mostra uma mulher que assume o papel de submissão de forma caricaturada, a

¹ Muitas usavam pseudônimos masculinos para publicarem seus textos.

autora ironiza, através da narração, todas as ações que a personagem feminina exerce como esposa submissa. Pinõn participou da reunião em que implantaram o 8 de março como Dia Nacional da Mulher, é notório que ela não representaria a mulher como um ser inferior de forma séria, a autora sempre fez questão de participar de movimentos feministas, independentemente de onde ocorressem e fez questão de aprender, através de incansáveis leituras, acerca do movimento feminista, e afirma “cada qual é senhora do seu destino” (PINÕN, 2016).

2.2 A LITERATURA COMO OBJETO DA ANÁLISE DO DISCURSO

Para falar acerca da análise do discurso, inicialmente foi feita uma explanação sobre o que é discurso, como ele surge e como ocorre sua análise. Também houve a necessidade de indicar que, uma análise nada mais é que uma investigação do objeto analisado, seja ele um texto, um gesto, um objeto ou uma imagem, dito isto, chegamos à conclusão de que analisar é interpretar. Já sabendo o que é análise e discurso e como alguns autores pensam a análise do discurso, partimos, então, para a literatura como objeto da análise do discurso.

Antes de indicar a literatura como objeto da análise do discurso é necessário que saibamos o que é literatura. Em geral, o termo literatura não tem um conceito único. Culler (1999) aborda muitos exemplos e conceitos para o que poderia responder a essa questão. O próprio autor repete, diversas vezes em sua obra a pergunta “o que é literatura?” e traz algumas sugestões de conceitos para responder a essa questão, por exemplo:

A literatura, poderíamos concluir, é um ato de fala ou evento textual que suscita certos tipos de atenção. Contrasta com outros tipos de atos de fala, tais como dar informação, fazer perguntas ou fazer promessas. Na maior parte do tempo, o que leva os leitores a tratar algo como literatura é que eles a encontram num contexto que a identifica como literatura: num livro de poemas ou numa seção de revista, biblioteca ou livraria. (CULLER, 1999, p. 34)

Nesse trecho de seu livro o autor cita que a literatura é algo que se identifica por seu contexto, um grande exemplo disso é quando comparamos dois textos e, por sua estrutura, tamanho e estilo a denominamos texto literário ou não, como sua

objetividade, por exemplo. Diferente do texto acadêmico, os textos literários costumam trazer uma linguagem que leva o leitor a pensar um pouco mais para fazer sua interpretação, frases simples como “uma nuvem cobriu parte do céu” podem se tornar complexas aos olhos da literatura, como, por exemplo, na frase um enevoamento manchou o luar no momento em que ele nascia.

Culler (1999) compara a literatura com uma erva daninha, por sua complexidade. O autor diz que para fazer a diferenciação de uma erva daninha com uma erva não-daninha não é um trabalho fácil, mas sim um trabalho árduo, pois é necessário, para os jardineiros, saberem quais plantas são rejeitadas e denominadas daninhas e quais são selecionadas, tratadas e cuidadas por não serem daninhas.

Para o autor o texto literário é dividido em cinco pontos que os denominam textos literários, dentre eles temos “a literatura como a “colocação em primeiro plano” da linguagem”, onde Culler (1999) enfoca o trabalho com a linguagem, enfatizando a recorrência do senso comum, todavia o autor traz uma problemática a esse aspecto, ao afirmar que a organização da linguagem não é suficiente para apontar um texto como literário, tendo em vista que podemos encontrá-la em outros textos, como poemas, por exemplo, que costumam apresentar uma linguagem figurada, levando o leitor a se aprofundar um pouco mais na leitura afim de compreender a mensagem transmitida. Borges (2010, p. 96) afirma que “todo tipo de texto possui uma linguagem específica”, enquanto os textos documentais costumam apresentar uma linguagem simples, clara e concisa, textos literários costumam apresentar uma linguagem que instiga o leitor a pensar, analisar cada detalhe, tendo que recorrer com mais frequência a pesquisas afim de compreender o texto.

O segundo ponto que Culler (1999) apresenta é a “literatura como integração da linguagem”, neste ponto o autor trabalha a complexidade existente na relação dos elementos e componentes, os quais podem ser o sentido, o som, a gramática, a temática, que vêm a fortalecer o caráter literário do texto. Culler (1999) afirma, no entanto, a insuficiência desse ponto em textos como os trava-línguas, que possuem a integração da linguagem, mas não possuem traços literários.

O terceiro ponto que o autor nos apresenta é “literatura como ficção”, a qual faz uma leitura da imaginação, onde as decisões são interpretativas, assim vindo a ser o que mais se encaixa ao termo “literatura”. Porém, alguns autores que fazem o uso da

ficcionalidade, como Paulo Coelho, sofrem resistência para ter suas obras consideradas literatura, tendo-as consideradas como textos de autoajuda, por apresentar em sua escrita lições para a vida.

O quarto ponto citado por Culler (1999) é “literatura como objeto estético”, esse ponto apoia-se na fala de Kant, sustentando-se como uma arte que tem fim em si mesma, aproximando matéria de espírito, porém, pela falta de conhecimento ou aceitação de muitos para este fator como traço de literalidade, que a educação faz uso da literatura para seus fins pedagógicos. Já o último ponto que Culler (1999, p. 40) nos apresenta é a “literatura como construção intertextual ou auto-reflexiva [sic]”, este ponto mostra que o texto literário permite leituras diacrônicas e sincrônicas por saber onde está inserido e ter consciência do que ele é. No caso do conto, as leituras diacrônicas estão nos pensamentos que a personagem tem de um passado sem as regras que limitavam as mulheres ao espaço de sua casa, já as leituras sincrônicas estão na realidade em que ela vivia, no momento específico em que o texto foi escrito, onde a mulher não tinha direitos nem poder sobre si.

Estes cinco pontos formam um conjunto funcional para o estudo da literatura, e mostram um pouco de sua complexidade, ao enfatizarem que fazem parte do contexto, mas não estão inseridas por completo, há sempre algo que fica de fora ou sofre preconceito na sua aceitação. Entretanto, podemos considerar a literatura como uma arte, por sua complexidade e riqueza de conteúdo e detalhes.

Diante dos possíveis conceitos dados por Culler (1999) e dos cinco pontos que o autor vê como contribuintes para que um texto possa ser considerado literário, compreendemos que, em sua complexidade, os textos literários carregam um grande potencial para abordar temas socialmente relevantes, como o empoderamento feminino, por exemplo. Sabemos que textos literários costumam carregar histórias baseadas em fatos, e que essas histórias têm um contexto o qual exige do escritor um aprofundamento teórico de outros autores que já pesquisaram e falaram sobre o mesmo tema.

Autores que já trabalharam com a análise de discursos literários veem a literatura como um campo da linguagem que, a princípio, separava-se do campo da análise do discurso, mas que, com o tempo, passou a ter seu espaço nesse campo de estudo, comenta Maingueneau (2001). Agora que já temos uma ideia do que é

literatura e que já trouxemos alguns dos conceitos de análise do discurso, cabe a nós nos questionarmos como os autores da análise do discurso trabalham a literatura?

Maingueneau (2001) acredita que trabalhar a análise do discurso literário é um trabalho que exige interesse por parte dos analistas, pois, segundo ele, uma das coisas que interferem na análise de um discurso literário é a falta de interesse que os analistas demonstram por esse campo de estudo. Porém o autor põe a culpa desse desinteresse na separação que as universidades faziam dos textos literários e dos textos documentais. O autor também afirma que:

O fato de ter se constituído no interior da análise do discurso um ramo dedicado especificamente ao discurso literário deu mais consistência a um postulado implícito da própria análise do discurso, qual seja, o de que o discurso é um todo: do tratado metafísico aos grafites, passando pelas conversações, pelos folhetos publicitários ou pelos debates televisivos, ou seja, qualquer enunciação socialmente circunscrita pode a priori ser abordada por meio do mesmo conjunto de conceitos. (MAINGUENEAU, 2001, p. 3)

Ou seja, mesmo diante de dificuldades, é possível fazer análise do discurso existente em um texto literário, levando em consideração seu enunciado e os conceitos abordados.

Para fazer a análise de um discurso literário, sua estrutura é observada afim de se obter detalhes como o tempo em que o texto foi escrito ou a que período da história se refere, também o seu enredo, espaço, estilo dos personagens, tudo isso contribui para que haja uma análise concreta do texto. Todavia, o discurso existente no texto é o que chama atenção dos analistas, o conjunto de enunciados que se complementam e se atualizam no texto literário, que também é um enunciado que surge retomando outros, sobre questões diversas, como a questão de gênero. É o contexto da obra e o modo como ela surge em um período específico da história que levam o campo da análise do discurso a fazer uma crítica ao discurso literário. Como já foi citado anteriormente o conceito de enunciado, podemos afirmar que o texto literário em si é um enunciado.

Como já foi mencionado antes, Foucault (2008) apresenta o enunciado como a unidade do discurso. O autor destaca que:

O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade. (FOUCAULT, 2008, p. 103)

O conjunto de sistemas que forma o enunciado é o que vai denominar seu contexto. O direcionamento e a forma como os enunciados são apresentados revelarão ao leitor a real intenção do autor. No conto *I Love My Husband* (1980), por exemplo, por mais que percebamos uma mulher convencida da posição social que vive, a ironia por trás das afirmações da narradora nos mostram que essa não é a imagem que Pinõn quis transmitir em seu texto. Ao invés de nos apresentar uma mulher submissa por obrigação, a autora nos traz uma mulher que vê a submissão como uma forma simples de lidar com seu marido, sem precisar explicar para ele as aventuras que vive em seu imaginário.

Podemos dizer que a grande diferença que existe entre uma análise literária e uma análise do discurso literário é a própria especificidade do texto literário, suas regras de construção, a questão da poética etc. Os cinco elementos destacados na citação anterior: lugar, condição, campo de emergência, instância de diferenciação, definição das possibilidades de aparição e de delimitação do que dá sentido à frase. A estrutura do texto é analisada quando a interpretação do texto parte do estudo literário, nessa análise é costume observar cada detalhe presente no texto, levando o analista a apresentar traços de determinadas escolas literárias, por exemplo. Já na análise do discurso literário, a maior preocupação é analisar o discurso das personagens, obviamente a estrutura do texto auxilia na compreensão do que se passa e ajuda a entender seu contexto, ajudando a entender a historicidade do tema abordado, porém, é o discurso o principal fator analisado.

Gama-Khalil diz que “no espaço discursivo da literatura temos a configuração de seres que encenam situações que sugerem similitudes com o real – seja em sua forma mais cotidiana ou na mais inusitada” (GAMA-KHALIL, 2008, p. 90), observando essa fala da autora podemos dizer que a literatura faz uma ligação entre o real e o fictício, independentemente da forma como esse ligamento ocorra. Ela diz que tanto a literatura realista como a fantástica trazem exemplos de situações reais. Ela afirma que “se temos hoje uma história da literatura, de acordo com Roland Barthes, é porque há o desejo do artista em representar o que “não é representável”, o real” (GAMA-KHALIL, 2008, p. 90).

Khalil (2015, p. 50) diz que a análise do discurso não traz sentidos únicos, pois “os sentidos não são fixos e nem imutáveis”. A autora apresenta que a análise segue

uma historicidade que permite identificar as marcas textuais existentes no objeto escolhido para análise. Segundo ela, para que o texto literário seja trabalhado a partir da perspectiva da análise do discurso, é necessário que se reflita em uma série de interrogações inspiradas em Foucault, estas são:

Quem fala? Por que tal enunciado teve emergência e não outro em seu lugar?
Que posições institucionais ocupam os sujeitos apresentados na narrativa?
Enfim, “quem somos nós?”, ou melhor, “quem somos nós hoje?”. (KHALIL, 2015, p. 53)

Khalil (2013) aponta em seu texto um exemplo de como funciona a análise do discurso literário. Vê-se nela que, assim como é feita a análise de um discurso documental, oral ou de textos acadêmicos, dá sim para fazer a análise da discursividade presente em um texto literário. A autora mostra que o texto literário exige um pouco mais de atenção na hora de ser analisado, por trazer em suas palavras diversos significados, levando diferentes analistas a interpretarem o discurso de forma distinta. Além disso, segundo Khalil (2013) apresenta, é necessário que haja conhecimento prévio do contexto em que o enunciado analisado foi escrito, afinal, a escrita literária costuma trazer um contexto já passado, exigindo do analista um pouco mais de atenção afim de que não se faça interpretações equivocadas.

Através do texto da Gama-Khalil (2008), percebemos o estudo da literatura como materialidade discursiva se desenvolvendo através da historicidade que o texto literário carrega. A autora frisa que a representação do real é o que dá historicidade ao texto literário, e a análise do discurso busca essa historicidade ao fazer a análise de um texto. No caso desta pesquisa, é a representação da história das mulheres, suas lutas e suas conquistas o que nos levará a ver pertinência ao analisar o discurso de empoderamento presente no conto *I Love My Husband* (1980), afinal, os analistas buscam essa historicidade na hora de analisar o discurso presente em um texto. Logo no início do seu texto, Gama-Khalil (2015) destaca que sua análise parte da constituição do personagem, o que nos leva a entender que, para um discurso chamar a atenção de um autor da análise do discurso, ele necessita de historicidade e veracidade, afinal, para analisar um texto, é importante conhecer suas origens, não basta ler e interpretar o que está escrito, é necessário conhecer o seu contexto e a partir de onde ele foi construído.

A memória presente num texto literário, em geral, é um dos fatores que tornam a literatura uma materialidade discursiva que pode e deve ser um objeto de análise, pois isto a torna um documento de linguagem atual, mas com fragmentos históricos, como o feminismo, por exemplo, o qual apresenta saberes que dão visibilidade a questões importantes para a história feminina. No conto analisado neste projeto, por exemplo, as questões feministas se dão através do discurso de uma mulher que nos mostra questões de empoderamento feminino de uma forma histórica e diferente do que costumamos presenciar.

Em geral, textos que trabalham o empoderamento feminino são considerados documentos históricos, e o fato de um texto literário carregar essa característica é uma das coisas que tornam o conto *I Love My Husband*, da Nélide Pinõn (1980), o nosso objeto de análise. Interpretar a forma como a autora trabalha as questões de empoderamento feminino do discurso da protagonista do texto é o que nós queremos. Para isto, contamos com a visão tanto de autores da análise do discurso quanto com autores da análise literária, como foi apresentado nesse tópico do projeto.

Afim de apresentar a literatura como objeto de estudo da análise do discurso, é necessário entender que, apesar da análise ser feita num todo, é o discurso presente no texto literário o nosso principal objeto de análise. Todo o texto servirá de auxílio para entendermos a questão histórica e o momento em que se passa a história do texto, mas questões literárias em si, que seriam o foco da análise de estudiosos da literatura como enredo, escola literária, características do texto não nos interessam muito, o que nos desperta atenção é o que rodeia o discurso das personagens do conto. Tudo que contribui para entendermos como se dá a formação do empoderamento feminino no discurso da personagem feminina é o que buscamos analisar no texto.

2.3 O GÊNERO CONTO COMO PRÁTICA DISCURSIVA LITERÁRIA

Desde cedo o gênero textual conto faz parte da vida de muitas pessoas. Adultos contam pequenas histórias para crianças as quais crescem conhecendo o gênero, porém sem saber do que se trata, vendo-as apenas como histórias infantis. É comum termos a presença desse gênero textual em nossas vidas, e com a presença dessas

histórias, acabamos entrando também no universo literário. Afinal, a literatura está presente nessas pequenas histórias, tornando bonito o que, às vezes, pode não parecer tão belo. Como já foi citado antes, algumas frases simples do dia-a-dia tornam-se bonitas aos olhos da literatura, e com os contos não é diferente. A literatura dá um olhar mais estético ao texto, tornando-o mais atrativo à leitura, deixando de lado o que o texto documental nos apresenta, uma linguagem acadêmica (podendo ser ou não simples) e direta.

De acordo com Pontes o conto é uma

Narrativa de curta duração, centrada em um único acontecimento. Apresenta um momento de tensão (clímax) próximo ao final, assim como trabalha com um número de personagens, tempo e espaço reduzido. (PONTES, 2010, p. 161)

Já a Equipe DCL (2010, p. 47) apresenta o conto como uma “narrativa ainda mais breve que a novela, porém, não seriada e também com apenas um foco”. O conto é um gênero textual do tipo narrativo, portanto, percebemos alguém contando a história, podendo ou não fazer parte dela. Outro detalhe do conto é a sua estrutura, tendo como características marcantes uma situação inicial, a qual levará os personagens a um clímax onde toda a história sofrerá uma reviravolta e assim definirá a situação final que é o desfecho da trama, levando os personagens a seguir um novo caminho em suas vidas. Ou seja, o conto tem um começo, um meio e um fim, porém, de forma simples e concisa, trazendo apenas um conflito e um número pequeno de personagens, além disso, o tempo do conto costuma ser curto e não costumam trazer muitos ambientes, às vezes o conto se passa em um único ambiente.

Culler (1999) diz que:

A teoria da narrativa postula a existência de um nível de estrutura - o que geralmente chamamos de "enredo" - independentemente de qualquer linguagem específica ou meio representacional. Diferentemente da poesia, que se perde na tradução, o enredo pode ser preservado na tradução de uma linguagem ou de um meio para outro: um filme mudo ou uma história em quadrinhos pode ter o mesmo enredo que um conto. (CULLER, 1999, p. 86)

Sabendo que o enredo de um texto não vai, especificamente, diferenciar a que gênero textual ele pertence, é importante observar as diferenças existentes entre os gêneros, por exemplo, a estrutura de um conto lembra muito um romance, porém a diferença de tamanhos e a quantidade de características os diferencia. Pontes (2010) destaca que um conto é curto, simples, conciso, apresenta um número limitado de personagens, tempo e espaços, já o romance é um texto intenso, cheio de detalhes,

podendo ter uma temporalidade que dura anos, apresenta um número grande de personagens, traz mais que um clímax, e pode sofrer muitas reviravoltas. Com essa diferenciação podemos dizer que um conto nada mais é que uma narrativa curta. Esse gênero textual surgiu a partir da necessidade que os seres humanos têm de contar e de ouvir histórias. Sua origem, pode-se dizer, que vem desde o princípio da humanidade, pois ainda hoje é comum encontrar ilustrações em rochas, feitas por pessoas que sentiram o desejo de transmitir para outros sujeitos suas histórias.

A linguagem do conto é objetiva, mas por ser um texto literário, costuma-se fazer o uso de metáforas, entretanto, são metáforas de fácil entendimento, o que facilita a compreensão do leitor. Os contos costumam apresentar diálogos, sejam estes diálogos dirigidos de um personagem a outro ou de narrador para leitor. É na fala dos personagens que está inserido o drama. Outra característica da linguagem do conto é sua narração em terceira pessoa, o que acaba auxiliando ao leitor na percepção da presença do narrador no texto. É através do diálogo que os personagens se expressam. Sem diálogo não há interação e, por sua vez, se não há interação, não há como existir um conflito, afinal, a partir do diálogo o drama acontece, sem diálogo não existe comunicação e a comunicação é essencial para a socialização, o diálogo é parte importante do conto.

Partindo para o ponto de vista da análise do discurso, fazer a abordagem do conto como materialidade discursiva vai além das pressuposições da crítica literária, pois ela entende que a estrutura narrativa e seu desenvolvimento produzem um saber social historicamente possível, como no caso do conto *I Love My Husband*, de Nélida Pinón (1980), o qual faz uma abordagem histórica a partir das feministas. Neste conto, a personagem feminina dialoga com o leitor, contando sua história, como vive e como é tratada, ela apresenta ao leitor sua forma de empoderamento, não se reprimindo de imaginar coisas que lhe parecem impossíveis perante à sociedade em que vive.

Para Lobo (1999):

O texto literário feminista é o que apresenta um ponto de vista da narrativa, experiência de vida, e portanto um sujeito de enunciação consciente de seu papel social. É a consciência que o eu da autora coloca, seja na voz de personagens, narrador, ou na sua persona na narrativa, mostrando uma posição de confronto social, com respeito aos pontos em que a sociedade a cerceia ou a impede de desenvolver seu direito de expressão. (LOBO, 1999, p. 04)

Nesse caso, o enunciado literário é a materialidade de uma forma de ver e pensar a história das mulheres, de representar essa evolução e transformação social, histórica e subjetiva. O confronto social presente no discurso feminino do conto *I Love My Husband* (1980), mostra uma ressignificação da ideia de submissão. Dando forma a uma imagem da figura feminina, desconstruindo a velha imagem de mulher conformada às limitações ditadas por uma sociedade patriarcal e construindo a imagem de mulher com um posicionamento formado do que quer para si e para a sua vida.

A personagem feminina do conto sabe que é livre para pensar o que quiser, e ela se aproveita de seus pensamentos para imaginar uma liberdade que lhe parece impossível. A mulher do conto demonstra, através de sua mente, sua insatisfação em não ser útil ao seu lar, desejando trabalhar para auxiliar seu marido com as despesas de casa. Ela também se mostra indignada ao ouvir de seu marido que não pode, sequer, ser dona de si própria. A forma de feminismo apresentada por Pinõn (1980) em seu texto é vista através do discurso da personagem feminina, a qual não se permite desistir de imaginar. Em um certo momento do conto, a mulher até fala ao seu marido acerca de suas ideias para ajudá-lo em casa, porém, ao ver a reação de seu marido, repreende-se, passando a se sentir culpada por achar que poderia fazer algo para ajudar em casa. Como vemos neste fragmento do conto:

[...] que tal se após tantos anos eu mencionasse o futuro como se fosse uma sobremesa? [...] Ele deixou o jornal de lado, insistiu que eu repetisse. [...] O marido, com a palavra futuro a boiar-lhe nos olhos e o jornal caído no chão, pedia-me, o que significa este repúdio a um ninho de amor, segurança, tranqüilidade [sic], enfim a nossa maravilhosa paz conjugal? E acha você, marido, que a paz conjugal se deixa amarrar com os fios tecidos pelo anzol, só porque mencionei esta palavra que te entristece, tanto que você começa a chorar discreto, porque o teu orgulho não lhe permite o pranto convulso, este sim, reservado à minha condição de mulher? Ah, marido, se tal palavra tem a descarga de te cegar, sacrífico-me outra vez para não vê-lo sofrer. [...] Recriminei meu egoísmo, ter assim perturbado a noite de quem merecia recuperar-se para a jornada seguinte. (PINÕN, 1980, p. 21)

Neste momento do texto, a personagem se reprime, mas logo passa a refletir sobre a diferença social entre os gêneros, questionando o porquê de para ela se tornar mulher necessitava do contato sexual com seu marido “Sempre me disseram que a alma da mulher surgia unicamente no leito, ungido seu sexo pelo homem” (PINÕN, 1980, p. 22) e, seu irmão, ainda no berço, ser considerado homem “Diferente do irmão

que já na pia batismal cravaram-lhe o glorioso estigma de homem, antes de ter dormido com mulher” (PINÕN, 1980, p. 22). Ela percebe que esse pensamento machista de que mulheres não poderiam ser nada além de esposas e mães vinha desde sua infância, onde seus pais a criaram para ser apenas uma acompanhante de seu marido. Para o leitor que analisa o discurso presente neste conto, dizer que o marido dessa mulher era seu dono não parece um julgamento errado. Podemos dizer que o empoderamento feminino está presente na discursividade desse texto do início ao fim através da ironização que Pinõn traz no discurso da narradora. Para alguns, o fato de o discurso dessa mulher ser transmitido através de seus pensamentos pode justificar uma falta de empoderamento, entretanto, para um analista que conhece a situação vivida pela mulher antes e até depois do feminismo, pode-se afirmar que esta mulher se mostrou empoderada.

Por mais que a liberdade da mulher, no texto, esteja limitada aos seus pensamentos, é a ironia utilizada por Pinõn na formação do discurso do conto que concede à personagem feminina o que observamos no texto como empoderamento feminino. De Assis (2009, p. 28) diz que a linguagem irônica é “utilizada como uma categoria narrativa na literatura em geral” e destaca que “também a escrita de mulheres tem se valido dela” (DE ASSIS, 2009, p. 28). Observamos a ironia como uma estratégia linguística para criticar assuntos polêmicos, como o caso do discurso feminista, que a professora Tavares aponta como algo que “surge contrapondo-se ao machismo pregado culturalmente nas sociedades patriarcais, as quais oprimem, subjugam e comandam o gênero feminino” (TAVARES, 2012, p.80).

Nesta parte da nossa pesquisa, voltamos aos tempos antes do surgimento do termo feminismo, a partir do período das escolas literárias românticas, onde era comum ver homens escrevendo com pseudônimos femininos². Aqui retornamos aos estudos literários, ao período em que as mulheres eram impedidas de demonstrar qualquer tipo de emoção. Partindo deste ponto, podemos dizer, a princípio, que a personagem feminina do conto *I Love My Husband* (1980) se comportou como uma mulher empoderada por dois fatores, o primeiro foi ter consciência de que ela podia fazer algo para auxiliar em sua casa, ela se dispôs a isso, ela teve consciência de que

² Houve também um tempo que era o inverso. Para terem seus textos publicados, mulheres usavam pseudônimos masculinos.

poderia ser alguém capaz de ser dona de si e de ajudar seu marido com as despesas de casa. O segundo fator foi ela criar coragem para sugerir sua ideia ao seu marido e sugeriu, ela não se escondeu por trás de seus pensamentos, ela não se reprimiu, ela sabia que as chances de obter sucesso em sua sugestão eram poucas, mas não desistiu e fez a sugestão.

Pinõn (1980) faz uso de uma linguagem irônica em sua narrativa como forma de protesto, fazendo uma crítica social, opondo-se ao discurso patriarcal. Podemos destacar que, no conto, a ironia é utilizada de duas formas, primeiramente, mostrando a mulher conformada com a posição que a sociedade patriarcal a colocou, fazendo questão de mostrar um conformismo que logo percebemos não existir “Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café” (PINÕN, 1980, p. 20). Segundo é quando a mulher revela sua insatisfação com a posição e a forma que vivia, indo totalmente contrária ao que lhe era imposto “Comecei a ambicionar que maravilha não seria viver apenas no passado, antes que este tempo pretérito nos tenha sido ditado pelo homem que dizemos amar” (PINÕN, 1980, p. 20), nessa passagem do texto já é possível notar que a mulher não ama o seu marido (ou parece não mais amar), ela usa as palavras “dizemos amar”, levando-nos a concluir que seu discurso de amor é dito de forma mecânica, como um simples protocolo a ser seguido. Percebemos que a intenção de Pinõn, nesse texto, era nos fazer refletir, olhar para a possibilidade de quebrar esse pensamento machista e opressor.

O período em que essa mulher vivia ainda reprimia e objetivava as mulheres. Sua educação tinha tudo para contribuir na desistência, ou até mesmo em não permitir que aquela mulher imaginasse tudo o que ela imaginou. As circunstâncias em que aquela mulher vivia poderiam ter sido motivo suficiente para transformá-la em alguém sem opinião própria, totalmente dependente de seu marido em tudo, até em pensamento. A forma como a sociedade tratava as mulheres em que a personagem do conto vivia, poderiam levar àquela mulher a se reprimir, a acreditar que seus pensamentos eram errados e que jamais deveria pensar daquela forma, mas não, as condições em que ela vivia não contribuíram para que ela se reprimisse, pelo contrário, foram mais uma motivação para que ela pudesse desejar ser livre e acreditar que não estava errada em querer ser uma ajudadora em seu lar.

O conto *I Love My Husband*, de Nélide Pinõn (1980) mostra às mulheres que o feminismo e o empoderamento feminino podem estar presentes em qualquer lugar. A busca pela igualdade social é uma luta que não tem fim. O conto aborda o feminismo de uma forma diferente, pois o que conhecemos por feminismo são mulheres indo à luta para conseguir seu lugar na sociedade, a personagem feminina do conto busca isso, entretanto seu lugar de igualdade é em sua casa, diante do seu marido. O poder que aquela mulher queria era sobre si mesma, o almejo daquela personagem era conseguir ser vista como alguém capaz de ser dona de si própria perante o seu marido. Ela queria se mostrar útil, ela queria ser vista como alguém forte, capaz de obter conquistas tal qual seu marido e os homens que conhecia.

Mainueneau (2001) diz que textos literários costumam ter vínculo uns com os outros, mesmo que sejam totalmente diferentes, isso demonstra um pouco da historicidade que já foi descrita antes como característica dos textos literários. Essa afirmação nos mostra também que, mesmo com um toque de ficção, os textos literários tornam-se históricos por fazer uso de fatos reais, e a análise do discurso se interessa por esses textos em virtude dessa veracidade histórica que eles carregam, isso também foi citado por Gama-Khalil (2008). Borges (2010) também faz essa ligação entre literatura e história, o autor afirma que os mecanismos que contribuem para a formação do discurso literário são um dos traços que lhes tornam históricos.

O que entendemos quando falamos sobre o gênero conto como prática discursiva literária? Anteriormente foi dito que os contos são formados tendo como característica marcante o diálogo. O gênero conto carrega uma linguagem considerada simples para o leitor, entretanto não deixa de ser uma linguagem literária, pois ele carrega, em sua estrutura, elementos linguísticos predominantes em textos literários. A expressividade que os discursos dos personagens de contos apresentam, a beleza nas palavras e as metáforas abordadas são exemplos de traços da linguagem literária.

Analisar o discurso presente em um conto é fazer uma interpretação do que o personagem diz, levando em consideração o contexto em que ele se insere. Enquanto a análise literária se atenta para o estilo, a análise discursiva olha para o discurso presente no texto. No caso do conto *I Love My Husband*, de Nélide Pinõn (1980), nós focaremos no discurso de empoderamento da personagem, com isso podemos

destacar que não é apenas o discurso em si o que se analisa, mas uma questão específica presente no discurso.

Maingueneau (2001) afirma que:

Quando se trabalha sobre a literatura escrita, o texto não é somente o vestígio de uma atividade enunciativa, mas o produto de uma história geralmente muito rica, um enunciado que geralmente atravessou múltiplos contextos, sofrendo constantes modificações, um objeto de múltiplas culturas... (MAINGUENEAU, 2001, p. 9)

O autor também ressalta a questão da historicidade presente no texto literário, e diz que não se analisa apenas o que está no texto, mas também o que lhe precedeu. Para que possamos entender o que um discurso literário diz em seu real contexto, é necessário que haja um aprofundamento histórico e cultural do tema analisado. No caso do conto analisado por nós, foi necessário que fizéssemos uma busca de outros textos que abordaram o feminismo e as questões de empoderamento, as relações de saber e poder que estão em torno dessa problemática e como esse discurso foi formado através do ponto de vista literário, também como se pode fazer uma análise do discurso presente nesse texto a partir do ponto de autores da análise do discurso.

3. O EMPODERAMENTO FEMININO NO CONTO *I LOVE MY HUSBAND*, DE NÉLIDA PINÕN

3.1 O EMPODERAMENTO COMO CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E LITERÁRIA

Em meados da década de 60 surge, nos Estados Unidos, um movimento entre mulheres brancas, de classe média, o qual, com o passar dos anos e a interação de outras mulheres, foi denominado feminismo. Esse movimento surgiu para tentar combater a desigualdade social existente entre homens e mulheres, dando início ao que podemos chamar de empoderamento feminino. Mas o que é empoderar? Esta palavra vem do termo em inglês *empowerment* e pode ter significados como dar ou obter poder, entretanto, esse poder não está relacionado à superioridade, e sim igualdade. Bezerra (2020), historiadora, afirma que no Brasil não foi diferente, ainda no século XIX, “a luta pela educação feminina, direito de voto e abolição dos escravos” (BEZERRA, 2020) teve suas primeiras manifestações. Ela destaca a opressão vivida tanto por mulheres negras escravas quanto por mulheres brancas restritas apenas às tarefas do lar. Otto (2021) aponta que essa busca por igualdade teve algumas fases, iniciando com o feminismo liberal, o qual defendia que as mulheres deveriam ser livres para fazer suas próprias escolhas, porém esse movimento não abrangia todas as mulheres. Neste, mulheres negras e de classes mais baixas não estavam inseridas, só depois, na década de 80 surgiu o feminismo interseccional o qual abrangia todas as mulheres, independentemente de sua cor ou classe social. Sardenberg (2011, p. 02) diz que empoderar implica “na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero [...]”, reafirmando que liberdade é uma luta constante do feminismo.

Baquero (2012) fala sobre o surgimento do empoderamento, e destaca que o termo recebeu este nome a partir dos movimentos emancipatórios que surgiram em virtude da desigualdade social que existia entre algumas pessoas na sociedade do século XX. Enquanto o homem branco e hétero estava no topo da sociedade, como chefe do lar e das grandes empresas, mulheres, negros, homossexuais e pessoas deficientes tinham que lutar para conquistar algum direito. Todavia a autora deixa claro que “a Tradição do *Empowerment* (*Empowerment Tradition*) tem suas raízes na Reforma Protestante, iniciada por Lutero no séc. XVI” (BAQUERO, 2012, p. 174).

Foram os “movimentos sociais contra o sistema de opressão em movimentos de libertação e de contracultura” (BAQUERO, 2012, p. 174), da década de 1960, que deram notoriedade ao termo “Empoderamento”. É notório que, sem esses movimentos, esses grupos de pessoas não teriam chegado onde chegaram, obviamente ainda há muito o que se conquistar. O racismo e a homofobia ainda são gritantes no mundo, o preconceito contra pessoas deficientes e a inferiorização da mulher ainda são temas que precisam de atenção, a luta por igualdade é necessária para combater o sistema opressor e as mentes doutrinadas pelo preconceito.

Os movimentos sociais feministas surgiram para derrubar o machismo, o empoderamento feminino veio mostrando a força que as mulheres têm. Segundo a PhD Tavares, quando o poder é exercido por um homem, ele é visto como símbolo de engrandecimento, porém, quando é a mulher a se empoderar, esse poder pode tornar a sua vida difícil, pois, para a sociedade, uma mulher empoderada não é algo comum “em uma sociedade vista como seguidora do modelo patriarcal” (TAVARES, 2012, p. 171). No entanto, o empoderamento feminino vai muito além do que muitos imaginam, pois foi a necessidade de liberdade e independência que levou a mulher a lutar para conquistar poder na sociedade.

A PhD Tavares (2012, p. 45) indaga sobre a forma que as mulheres poderiam “chegar aos campos dominados pelo homem e ganhar influência no social”, em seguida, a professora argumenta em Perrot (1998) a qual responde à pergunta de Tavares (2012) ao dizer que através da literatura e da mídia a mulher poderia chegar a estes campos. É nítido que escritoras feministas fazem uso da literatura para levar a mulher e suas experiências ao mundo, Pinõn é um grande exemplo. A autora Nélida Pinõn nos apresenta mulheres que, mesmo vivendo em sociedades onde as leis patriarcais eram dominantes, não se permitiram ser, verdadeiramente, dominadas pelo sistema. Mulheres que conheciam suas condições e fingiam aceitar, mas que libertaram suas mentes e revelaram suas verdadeiras intenções, obter poder sobre si e se libertar das algemas de uma sociedade patriarcal.

É graças ao conhecimento que se tem da história das mulheres e da forma como elas eram (e, infelizmente, em alguns casos ainda são) tratadas e vistas, que se pode falar sobre seu empoderamento. Foucault (2008, p. 204) fala que “um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os

conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam”, segundo a ideia do autor, por mais que já existam discursos sobre o empoderamento, novos pensamentos vêm para completar as informações já existentes, trazendo novas visões sobre o tema principal.

É através desse saber histórico e discursivo (pois atravessa várias linguagens) que se pode chegar à literatura. A princípio, a mulher aparecia na literatura como um ser idealizado, os romancistas (homens) falavam da mulher como um ser angelical, muitas vezes tendo sua pureza associada à natureza, quando encontrávamos escritas com narradoras femininas (também escritos por homens), o pensamento era limitado, com muita repetição nas falas e com termos simples, sem muita riqueza nas palavras, qualquer coisa que fugisse disso, era associado a mulheres da vida (meretrizes). No realismo, como o próprio nome já diz, os textos eram mais voltados à realidade, já abrangendo temas mais polêmicos, nestes já se poderia ver uma imagem da mulher real, sem tanta idealização, possuindo defeitos e qualidades, deixando de ser vista como um ser perfeito e intocável. No simbolismo a mulher era apresentada como um ser sensual que poderia, facilmente, seduzir quem quisesse. Já no modernismo, a mulher passa a ser representada num todo (ressaltemos que, antes, a mulher apresentada na literatura, em geral, era a mulher branca e burguesa). É na modernidade que percebemos a mulher ganhar espaço, neste percebemos Clarice Lispector (mulher e escritora) dentre os principais autores. Já no período pós-modernista, é quando a mulher passa a perceber e reconhecer a diferença social entre os gêneros, como exemplo, podemos citar a escrita de Pinõn sobre a personagem feminina de *I Love My Husband* (1980), a qual passa a se incomodar ao perceber a grande diferença social entre ela e os homens de sua vida (pai, irmão e marido). É por razões históricas que as mulheres têm permanecido à sombra dos homens em muitos aspectos, inclusive nos meios artísticos e culturais. Todavia, elas contribuem para a escrita há muito tempo e estão enriquecendo o mundo da literatura.

Ao fazer esse passeio sobre a história da mulher na literatura, percebemos a sua evolução. Aquela que, no princípio sequer recebia um nome, era intocável, inalcançável e perfeita, com o passar dos anos foi ganhando identidade, com características reais, mostrando seus defeitos e qualidades, libertando-se da visão machista de que mulher pertence unicamente ao ambiente doméstico.

3.2 ANÁLISE DO CONTO *I LOVE MY HUSBAND*, DE NÉLIDA PINÕN

O conto *I Love My Husband*, da escritora Nélida Pinõn, foi escrito em 1980 e publicado em sua obra *O Calor Das Coisas*. A autora Nélida Pinõn carrega em seu histórico de vida uma série de títulos os quais ela conquistou através de suas realizações pessoais, dentre suas conquistas ela carrega o título de ser a primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras, sendo eleita em 1996, e de suas obras ela tem vários prêmios, como o Prêmio Internacional de Literatura Juan Rulfo, em 1995, o mais importante da América Latina e do Caribe, sendo a primeira mulher e autor de língua portuguesa a receber.

O seu conto *I Love My Husband* (1980) nos traz uma série de ironias por parte de sua narradora feminina, a qual apresenta o seu amor através das coisas superficiais que ela, como mulher e esposa, faz para o seu marido. Localizamos aqui um primeiro aspecto do funcionamento discursivo literário do conto, a posição sujeito ocupada na produção do enunciado objeto do nosso estudo. Perencini (2015, p. 143) questiona “Não seria o sujeito do enunciado, simplesmente, o indivíduo real que articulou ou escreveu algo?”, por mais que o autor seja quem ironiza a situação e as falas da personagem, ele não chega a ser, necessariamente, um “sujeito do enunciado”, mas sem sua presença não existem signos.

A voz feminina que narra o discurso com ironia não chega a ser a autora, mas é ela que dá voz aos acontecimentos, podendo ser ou não um personagem na história. No conto *I Love My Husband* (1980), nós encontramos uma mulher contando sua rotina e apresentando seus pensamentos ao leitor, o qual ela acaba transformando em um personagem da história por interagir com ele. Contudo, o tom irônico presente no conto é a voz da autora, a qual dá uma caricaturação na voz da personagem central do conto, fazendo-a retornar às velhas representações sociais de gênero, afim de caricaturar e dar margem para pensarmos uma outra via possível, uma via em que a mulher possa viver a liberdade que tanto anseia.

A partir dessa ideia de ambiguidade nas falas da narradora do conto *I Love My Husband*, nossa pesquisa nos aponta para a leitura que Perencini (2015) faz da teoria de Foucault. Perencini (2015, p. 143) cita que Foucault “acredita que o sujeito do enunciado pode exercer funções diferentes de um enunciado ao outro”. É isso que a personagem feminina do nosso objeto de análise faz. Em certos enunciados ela é uma mulher livre, com milhares de planos e desejos, em outros ela é uma mulher convencida de que deve ser totalmente submissa ao seu marido, fazendo de tudo para agradá-lo, mesmo que isso a roube a liberdade que ela tanto sonha.

É interessante destacar que, no conto *I Love My Husband* (1980), ouvimos uma voz feminina tanto na narradora quanto na autora, e essa voz nos possibilita entender que a ironia presente no discurso é um saber literário que parte do pressuposto de que a literatura sempre desconstrói. A PhD Tavares aponta que “Os enunciados implicam numa produção de sentidos que surtem efeito sobre o outro. As dúvidas parecem surgir ao mesmo tempo em que há uma desconstrução de uma verdade em prol de uma outra” (TAVARES, 2012, p. 165-166). E como percebemos essa desconstrução no texto? A partir da reconstrução das ideias da própria personagem, a qual passa a escrever a sua própria história, desconstruindo a ideia de que a mulher vive em função do homem, e que cabe ao homem moldar a mulher e reprimir seus pensamentos, desconstruindo a narrativa patriarcal. Apesar de continuar se mostrando submissa, ela entende sua submissão, a qual deixa de ser involuntária, uma coisa que ela tem internalizada em si, e passa a ser algo voluntário, que ela continua a fazer afim de evitar discussões em seu lar.

Do ponto de vista da Análise do Discurso francesa, Borba (2012, p. 01) afirma que a desconstrução funda “os pressupostos de uma nova perspectiva de estudos das relações do sujeito com o discurso, a história, a cultura”, e é isso que o discurso presente em *I Love My Husband* (1980) faz, ele desconstrói uma visão de que a mulher deve ficar em casa esperando o marido voltar do trabalho para o servir. Desconstrói a imagem da mulher inválida, que não tem poder nem sobre seus próprios pensamentos. Ele dá uma nova perspectiva sobre a imagem feminina, mostrando uma mulher que vivia num período em que as velhas representações sociais de gênero eram exercidas, uma mulher que reconheceu sua posição social e entendeu que seu

lugar na sociedade não lhe era suficiente. Uma mulher que queria sair do aconchego de sua casa e ajudar seu marido com as finanças, construir o futuro do seu lar.

Vale salientar ao leitor que o texto o convida a participar da história como um personagem, a narradora conversa com o leitor, tornando-o um receptor da mensagem que ela traz em seu discurso “Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café” (PINÕN, 1980, p. 20), o leitor não será apenas um espectador. Afim de compreender o que a narradora está falando, ele tem que participar da construção e desconstrução tanto da estrutura da história quanto de sua narração, reparando nas sutilezas de ironia utilizadas no texto, percebendo o dito no não dito, preenchendo as lacunas do que a narradora deixa subentendido.

Fernandes (2008, p. 83) afirma que “uma formação discursiva constitui-se de outras formações discursivas, de elementos que vêm de seu exterior”. Ao iniciar e concluir a história com a frase "Eu amo meu marido" (PINÕN, 1980, p. 20) "Ah, sim, eu amo meu marido" (PINÕN, 1980, p. 23), a autora demonstra o tom irônico presente em sua narrativa, trazendo afirmações aparentemente semelhantes, mas com uma imensa diferença a qual é notada através de toda a desconstrução que a personagem faz ao longo do texto. Embora, no início do texto, a personagem demonstre que os seus esforços são em virtude do amor que tem por seu marido ““Eu amo meu marido. De manhã à noite. Mal acordo, ofereço-lhe café” (PINÕN, 1980, p. 20)”, no fim ela faz uma desconstrução desse pensamento, levando-nos a interpretar que seus esforços não passam de obrigações de esposa “Empenho-me em agradá-lo, ainda que sem vontade às vezes” (PINÕN, 1980, p. 23). Essa afirmação de que o amor depende de ações corriqueiras do dia-a-dia, carrega um tom irônico e, ao mesmo tempo uma reflexão, a personagem do conto não é uma mulher passiva, ela escolhe estar assim em prol da relação, mas isso não deixa de representar a força da sociedade patriarcal do século XX, que ditava regras nas quais a mulher tinha como obrigação que se contentar com o pouco que lhe era oferecido. Entretanto, mesmo imaginando milhares de cenas, ela sempre retomava a velha imagem de mulher que vive em função do marido:

Ah, quando me sinto guerreira, prestes a tomar das armas e ganhar um rosto que não é o meu [...] E tudo me treme dentro, olho os que passam com um apetite de que não me envergonharei mais tarde. Felizmente, é uma sensação fugaz, logo busco o socorro das calçadas familiares, nelas a minha vida está estampada. As

vitrines, os objetos, os seres amigos, tudo enfim orgulho da minha casa. (PINÕN, 1980, p. 22)

As atividades repetitivas e curtas do dia-a-dia do casal, revelam um relacionamento desgastado, onde o amor já não mais faz parte. A mínima comunicação revela que intimidade não é mais algo presente na vida do casal, eles apenas vivem juntos para manter um casamento que já não faz mais tanta diferença na vida dos dois. Entre as afirmações feitas ao longo de todo o texto, perceberemos que o casamento não passa mais de um mero contrato que os obriga a ficar juntos. A mulher já acorda pronta para servir o seu marido, o qual não demonstra nenhum interesse no esforço de sua esposa. Não há como dizer que ainda existe amor entre este casal, na verdade, em todo o texto não encontramos nenhum indício de que houve amor entre o casal, a narradora demonstra que seu casamento foi como uma negociação, o homem a tornaria mulher através do ato sexual matrimonial, e ela estaria pronta para servi-lo e viver à sua sombra. Maingueneau (2001) faz uma menção à memória discursiva, destacando que:

Quando se trabalha sobre a literatura escrita, o texto não é somente o vestígio de uma atividade enunciativa, mas o produto de uma história geralmente muito rica, um enunciado que geralmente atravessou múltiplos contextos, sofrendo constantes modificações, um objeto de múltiplas culturas... (MAINGUENEAU, 2001, p. 09)

A memória discursiva é fundamental para a produção e compreensão do enunciado literário, o autor destaca que o texto é o resultado de uma história, o qual sofre modificações em virtude da diversidade cultural, esta circulação histórica ocorre através da memória, a qual disponibiliza materiais para a criação de novas histórias. A memória trabalhada por Pinõn (1980) no trecho destacado, é a memória de construção feminina, a qual, assim como afirma Simone de Beauvoir (1980), não nasce, torna-se mulher. A narradora do conto *I Love My Husband* cita a ideia que lhe foi internalizada, o pensamento de que ela era apenas expectativa e que, somente no leito matrimonial, seu marido a tornaria em mulher “e todo este troféu logo na noite em que ia converter-me em mulher. Pois até então sussurravam-me que eu era uma bela expectativa” [...] Sempre me disseram que a alma da mulher surgia unicamente no leito, ungido seu sexo pelo homem” (PINÕN, 1980, p. 22).

Estar pronta para servir o seu marido não significava dizer que a mulher estava convencida de que sua vida era boa, na verdade ela não se conformava com o espaço

que ocupava na relação, isso acabou dando lugar à sua imaginação. A mulher foi forçada a aceitar a mesmice de sua vida após um embate que teve com seu marido relacionado às relações de representatividade e práticas de gênero, como na passagem “percebi que a generosidade do homem habilitava-me a ser apenas dona de um passado com regras ditadas no convívio comum” (PINÕN, 1980, p. 20). Entretanto, essa represália não a impediu de imaginar uma vida diferente, na qual ela poderia construir o futuro juntamente com o seu marido, pelo contrário, a mulher passou a ambicionar ainda mais viver em um passado o qual ainda não havia sido ditado pelas regras do homem.

Pinõn (1980) faz uso do eufemismo para mostrar a contradição existente entre os pensamentos da personagem feminina e o seu esposo, aliviando sua real intensão ao falar que:

Decididamente, não podia ele preocupar-se com a matriz do meu ventre, que devia pertencer-lhe de modo a não precisar cheirar o meu sexo para descobrir quem mais, além dele, ali estivera, batera-lhe à porta, arranhara suas paredes com inscrições e datas. (PINÕN, 1980, p. 20)

Em sua tese, a PhD Tavares (2012) fala sobre a necessidade dessa contradição, pois o olhar da mulher como ser frágil e o homem como ser dominante é algo que está “cristalizado numa memória engessada pelo tempo, pelo menos para alguns homens” (TAVARES, 2012, p. 175). A autora também fala sobre o pensamento machista que ainda persiste na sociedade de que a mulher é, preferencialmente, a pessoa certa “para comandar o lar” (TAVARES, 2012, p. 53). A contradição de pensamentos entre a mulher e o seu esposo surgiu a partir de um ponto que também podemos destacar na tese de Tavares (2012, p. 180-181) “se existe uma formação discursiva a qual circula dizendo que ao homem pertence o espaço público (o trabalho) e à mulher o espaço privado (o lar) e, numa dada época, esses papéis se invertem, aparece, então, a contradição”. A reflexão da personagem surge de um período em que, assim como o homem, a mulher podia trabalhar, entretanto, no período em que a personagem do conto vive, isso não é possível, cabe ao homem a responsabilidade de trabalhar e à mulher o dever de cuidar da casa. Sobre essa contradição, de Assis, 2009 traz a seguinte visão:

O discurso dominante é mostrado nas vozes representadas pelos outros. Nesse discurso, a mulher apresenta os valores sociais, culturais e ideológicos a partir da visão do outro; por meio de subterfúgios, essa mulher constrói o seu discurso em contradição àquele. (DE ASSIS, 2009, p. 50)

Diante da sociedade em que vivia, os pensamentos da mulher sobre liberdade eram totalmente contrários aos aceitos. Enquanto ela sonhava em construir o futuro ao lado de o seu marido, ele e a sociedade lhe ditava que lugar de mulher era em casa, vivendo em função e à sombra de seu marido.

Em um retorno às velhas cenas, Pinõn (1980) faz uma demonstração da diferença do que realmente é. Por ter sido escrito no século XX, o uso de termos que demonstrassem a verdadeira intensão da autora em seu texto pesariam bem mais, em virtude disso, a autora fez uso de palavras agradáveis, as quais serviram para suavizar sua afirmação. Pinõn (1980) teve como estratégia ir pelas pontas, fazendo uma crítica às velhas representações do feminino e dos modos de vida pelos quais as mulheres eram submetidas pela sociedade a aceitar. Os pensamentos convergentes da mulher e de seu marido surgiram a partir da vontade que a mulher tinha de assumir as velhas imagens e do pensamento de seu marido, o qual era fiel às tradições da sociedade machista e patriarcal da sociedade em que viviam.

O tom de ironia presente no texto de Pinõn (1980) nos revela uma mulher insatisfeita com a posição que lhe colocaram na sociedade. A ela não bastam os afazeres domésticos, ela anseia por mais, a autora utiliza uma linguagem irônica para demonstrar uma certa conformidade, por parte da personagem, com a vida que tem, conformidade essa que não existe de fato. A forma como o texto é apresentado, revela-nos que Pinõn faz uma desconstrução da narrativa tradicional, e é essa desconstrução que vai dar o tom de empoderamento à narrativa e ao modo como é construída a personagem feminina. Se analisarmos a vida de Pinõn e a forma como a autora costuma representar a figura feminina, perceberemos que as palavras da narradora são pronunciadas de maneira cômica, onde a mulher faz um jogo de palavras para disfarçar sua insatisfação com a vida que lhe obrigam a aceitar.

Zolin (2008) trabalhou A Representação Da Mulher Na Narrativa De Nélide Piñon e, logo no início de seu texto, nos apresenta uma personagem feminina que, assim como a mulher do conto *I Love My Husband*, busca sua própria identidade:

Em *Guia-mapa de Gabriel arcanjo*, livro em que Nélide confessa ter “incendiado mais labaredas metafóricas”, a protagonista Mariela é tomada como veículo de que ela se vale para subverter a sintaxe oficial no que se refere aos papéis cristalizados como sendo femininos. Sua trajetória no romance pode ser metaforizada em termos de uma viagem em busca da própria identidade, através do amor e do pecado. (ZOLIN, 2008, p. 09-10)

Neste texto temos mais uma mulher com sua identidade perdida em virtude de uma sociedade que só consegue imaginar a mulher como alguém que nasceu para servir ao homem. Mirela, diferente (ou não) da personagem do conto que estamos analisando nesta monografia, tinha sua imagem associada à da Virgem Maria “Virgem, Rainha, Noiva, Esposa, Mãe e Mediadora” (ZOLIN, 2008, p. 10), mas não se diferenciava do fato de que era só mais uma mulher que vivia à sombra do homem.

Outra personagem que Zolin (2008) nos apresenta é Ana, da obra *Madeira Feita Cruz* (1963). A autora diz que “a trajetória da personagem feminina central traz à tona a discussão acerca dos conflitos da mulher gerados pelo choque de ideologias: uma que lhe é própria, outra que lhe é imposta pelo modo de pensar dominante” (ZOLIN, 2008, p. 10). Observando esses dois textos, percebemos que Pinõn costuma apresentar a figura feminina como um ser que busca se libertar das algemas de uma sociedade machista que as materializa, dando-lhes como única opção conformar-se com uma vida de submissão e entrega. Todavia, apesar das limitações, são mulheres que entendem que suas vidas podem ser diferentes, e sonham com uma sociedade igualitária, onde mulheres e homens podem trabalhar e construir o futuro juntos. São mulheres que disfarçam sua insatisfação através de uma falsa submissão.

Desde o início do conto a narradora demonstra insatisfação tanto em relação à sua posição dentro de casa como em relação à sua intimidade com o seu marido, comparando-se à um líquido frio “Ele grunhe com raiva e eu vocifero com aflição. Não quero meu esforço confundido com um líquido frio que ele tragará como me traga duas vezes por semana, especialmente no sábado” (PINÕN, 1980, p. 20). Primeiramente, a esposa contesta a autoridade de seu marido, protestando contra sua indignação ao ser chamado com insistência por ela. Em seguida, ela deixa clara a sua insatisfação com relação ao prazer sexual que só lhe é proporcionado em dias contados da semana. Seu descontento matrimonial é notório, ela queria mais, queria que seu esposo a amasse e a olhasse como alguém quente, sedenta por amor e prazer. O esforço citado pela narradora pode ser observado de dois ângulos distintos, o primeiro é o seu esforço como dona de casa, neste caso, no café que ela acordou cedo para preparar, o segundo é o seu esforço na cama, afim de satisfazer o seu marido e a si mesma, este segundo ela demonstra de forma negativa, tendo em vista que a mulher compara sua intimidade conjugal ao café frio.

O conto *I Love My Husband* (1980) poderia ser alvo de críticas, afinal, uma mulher empoderada apresentando a figura feminina de uma forma totalmente submissa, a qual aceita calada tudo que lhe é imposto, não é algo comum. Para os críticos, essa retomada às velhas imagens do ser feminino pode não ser visto de forma positiva, o esperado seria que Pinõn demonstrasse uma figura feminina forte e destemida, entretanto é exatamente o contrário o que o texto da autora causa em quem o lê. Vale salientar que essa submissão da mulher, é também um saber que ela assume, pois, a narrativa nos mostra que ela vê, entende e sente a diferença da submissão que lhe impõem e a que ela assume. O conto causa um certo desconforto no leitor por mostrar uma mulher que demonstra aceitar sua (in)existência, tendo que viver à sombra de seu companheiro, como ela mesma diz “sou a sombra do homem que todos dizem eu amar” (PINÕN, 1980, p. 20). Neste ponto podemos observar outra ironia presente no conto, a mulher que inicia e termina seu discurso com a afirmação de que ama o seu marido, de repente afirma ser a sombra do homem que as pessoas dizem que ela ama, então o seu amor se baseia, não só no superficial, mas no que as pessoas dizem ser? Sim, a personagem deixa subentendido que não ama, de fato, o seu marido, mas que as pessoas a apontam como quem ama o esposo através de suas ações. Já que afirmam que ela o ama, a mulher escolhe manter a imagem tradicional e demonstra que ama o seu marido, pois para ela, era mais fácil fingir um amor que não existia que falar a verdade ao seu esposo ou ao mundo.

Observando a possibilidade de não existir, verdadeiramente, amor por parte da personagem feminina por seu esposo, mergulhamos no texto em busca de algo que indicasse essa ausência de amor por seu cônjuge mais uma vez no texto, e encontramos. O discurso da narradora nos leva a um aspecto forte apresentado no conto, o momento em que a personagem feminina ouve de seu marido que sequer pode se pertencer “[...] mulher tem que ser só minha e nem mesmo dela” (PINÕN, 1980, p. 20). Esta afirmação do homem levou a mulher a sair do pensamento ficcional ao pensamento reflexivo “provocou-me o primeiro sobressalto na fantasia do passado em que até então estivera imersa” (PINÕN, 1980, p. 20). Após ouvir de seu esposo que não podia ser dona de si, a mulher começa a refletir sobre a impossibilidade de tocar o seu próprio corpo para “expurgar-lhe os excessos”, ela sente um desejo que, até então, não parecia ter lhe passado pelo pensamento. Isso a leva a um despertar

que nos chamou a atenção, as afirmações da esposa indicam que ela sente o desejo de tocar outras peles como a dela, ou seja, peles femininas, demonstrando um certo interesse por pessoas do mesmo sexo:

Então o homem, além de me haver naufragado no passado, quando se sentia livre para viver a vida a que ele apenas tinha acesso, precisava também atar minhas mãos, para minhas mãos não sentirem a doçura da própria pele, pois talvez esta doçura me ditasse em voz baixa que havia outras peles igualmente doces e privadas, cobertas de pêlo [sic] felpudo, e com a ajuda da língua podia lambe-se o seu sal?³ (PINÓN, 1980, p. 20)

A mulher aponta a possibilidade de que tocar-se poderia despertar nela um desejo por peles “doces e privadas, cobertas de pêlo [sic] felpudo”. Como ela acreditava que isso poderia acontecer, é possível afirmar que ela guardava consigo algum desejo por outras mulheres. Um desejo tão bem guardado que seria necessário sentir a doçura de sua pele para ouvir, em sussurros, que existiam outros corpos semelhantes os quais ela “com a ajuda da língua podia lambe-se o seu sal”. Ela não apenas imaginou como seria tocar outros corpos femininos, ela refletiu sobre a possibilidade de passar a sua língua em outras peles femininas. E como sua reflexão sobre o não poder se pertencer a leva a imaginar o porquê de não poder tocar o próprio sexo, conseguimos entender que aquela mulher não se sentia satisfeita com o sexo presente em sua relação conjugal, o qual, logo no início do texto ela cita acontecer unicamente duas vezes na semana.

A afirmação “lambe-se o seu sal” dita pela narradora, está atrelada ao toque que ela imagina que poderia sentir em outra mulher, seu pensamento está demonstrado de forma poética, nos levando a imaginar um momento de maior intimidade que ela gostaria de experimentar com uma mulher. Sim, outra mulher, pois este ato ela não fantasiou ter com o seu marido, mas com outro ser feminino o qual, assim como ela, não podia se pertencer, tocar o seu próprio corpo, que também como ela estava privada de sentir o doce toque de sua própria pele. Na sociedade do século XX, o simples ato de falar poderia levar uma mulher a julgamento por parte da sociedade, pois o direito da mulher era unicamente o de servir. Conseguimos imaginar o tamanho da polêmica que seria uma mulher, a qual vivia um relacionamento burguês, revelar-se alguém que desejava relacionar-se, sexualmente, com outras

³ Em um jogo de memória, vale lembrar que a expressão “lambe sal” costuma estar ligada a alguém que foi traído.

mulheres. Suas palavras deixam claro que ela não chegou a tocar o corpo de outras mulheres, mas revelam que o ato de se tocar poderia sim despertar nela a vontade de sentir peles semelhantes à sua.

Após este momento de reflexão, a mulher se dá conta de sua falta de identidade, olhando-se no espelho e percebendo que suas unhas pintadas e a maquiagem que usava não eram seu verdadeiro eu. Inconformada com a imagem que lhe atribuíram, a mulher indaga “Ou porque o homem adorna-me de modo a que quando tire estas tintas de guerreira do rosto surpreende-se com uma face que lhe é estranha, que ele cobriu de mistério para não me ter inteira?” (PINÕN, 1980, p. 20). Aqui percebemos a mulher usando seu saber sobre quem ela é, sem toda a maquiagem e as unhas pintadas, para justificar que o modo como ela se arruma acaba ocultando sua verdadeira identidade. A forma que ela utiliza para afirmar sua perda de identidade, é informando que seu marido a cobriu de mistério afim de não lê-la por inteiro, ou seja, escondendo sua verdadeira aparência, seu verdadeiro desejo, sua real postura, sua imaginação, seu empoderamento etc.

Ser inteira, para a personagem, poderia estar atrelado ao fato de que sua real identidade lhe foi roubada e, para ela, conhecer-se e revelar suas unhas sem esmalte e seu rosto sem maquiagem (sem precisar se preocupar com a estranheza de seu esposo) seria uma forma de se apresentar por inteiro, entretanto, sabemos que poder conversar com o seu marido e lhe contar as aventuras vividas em seus pensamentos também eram uma forma de revelar sua verdadeira personalidade. A partir do momento em que o homem impôs que sua mulher só pertencia a ele, ela passou a refletir sobre sua existência, neste ponto a personagem feminina olha para a sua imagem, não são apenas os seus prazeres que lhe são roubados, não é apenas a sua voz, sua imagem também é dominada pelo homem com quem um dia ela se uniu em matrimônio.

Fernandes fala sobre os efeitos de sentido da Análise do Discurso, e afirma que “Integrante da noção de discurso, encontra-se a noção de sentido compreendida como um efeito de sentidos entre sujeitos em interlocução (sujeitos se manifestando por meio do uso da linguagem)” (FERNANDES, 2008, p. 14). Os efeitos de sentido que a afirmação “que ele cobriu de mistério para não me ter inteira” (PINÕN, 1980, p. 20), causam em nós, leitores analistas, são de que as mulheres eram tão objetivadas que

seus maridos sequer faziam questão de conhecê-las verdadeiramente, e que a sociedade e os costumes as forçavam a viver de aparências. Hoje mais do que nunca a imagem feminina é muito atrelada à vaidade. Com todos os procedimentos estéticos, cirurgias plásticas, depilação, exige-se muito mais que as mulheres se mostrem vaidosas. De Assis (2009) apresenta um pensamento o qual diz que “a mulher é representada pelos cronistas, romancistas ou observadores por estereótipos” (DE ASSIS, 2009, p. 21). A representação da mulher nos romances costuma vir de forma idealizada, sendo esta, geralmente, um ser frágil e que não pode ser tocado, quase sempre com vestimentas leves (em geral, as que são representadas com vestimentas extravagantes, costumam ter suas imagens associadas a mulheres da vida). Além da associação à vaidade, a mulher também é apontada por seu esposo como ambiciosa “O que mais quer, mulher, não lhe basta termos casado em comunhão de bens?” (PINÕN, 1980, p. 20), este é mais um estereótipo associado à imagem da mulher e que Pinõn (1980) ironiza em seu texto, afinal, de que bastava ter casado com separação de bens se a mulher não iria usufruir disto? A personagem feminina sabia que estava presa pelo resto de sua vida ao seu esposo, a sociedade em que viviam jamais aceitaria uma mulher divorciada.

Enquanto Pinõn (1980) faz uma desconstrução do conceito de mulher submissa do século XX, nos revelando uma figura feminina que se sente aprisionada em seu corpo coberto de maquiagem e com “unhas de tigre”, algumas mulheres fazem questão de sempre estar com as unhas pintadas e com o rosto maquiado. Isso nos revela que há divergência de sentido com relação à liberdade e prisão sobre a vaidade, enquanto manter-se arrumada pode significar liberdade para algumas mulheres, para outras este pode ser um símbolo de aprisionamento, assim como se materializa na narrativa do conto *I Love My Husband*.

Depois das indagações acerca de sua identidade e de seu marido apenas conhecer as partes que deseja de sua esposa, a personagem cria coragem para falar com o seu marido. Para isto ela faz uma analogia de que seria interessante falar sobre “futuro como se fosse uma sobremesa” (PINÕN, 1980, p. 21), mais um momento em que Pinõn faz uso do eufemismo, suavizando a situação. Enquanto o marido se negava a falar de amor, a esposa arquitetava a melhor forma de falar sobre futuro com ele, levando-nos a refletir sobre a expressão popular “a vingança é um prato que se

come frio”. No geral, sobremesas costumam vir em pratos frios, estaria a mulher utilizando o mencionar do futuro como uma forma de vingança contra seu marido? Já que ele não lhe dava voz, tampouco aceitava falar com ela sobre o único assunto que ela achou que poderia falar. A mulher então resolveu lhe devolver seu pensamento de que falar de amor não o faria progredir falando sobre futuro.

Ao mencionar a palavra futuro e perceber que seu marido ficou sem reação com suas palavras, a mulher entra em um estado de transe imaginário, não fugindo do que almejava para seu casamento e para a sua vida, pelo contrário, seu pensamento nos mostra que ela gostaria de ver o mundo de uma perspectiva diferente da que ela vivia. Por um instante ela sentiu o que queria sentir, a liberdade que ela tanto almejava estava passando diante de seus olhos, era aquela sensação que ela queria para a sua vida, sentir-se dona de si, ser o predador e não a presa, pertencer-se a tal modo que sentisse proclamando sua liberdade como fizeram as mulheres que viveram num período onde regras machistas ainda não haviam sido ditadas.

Entretanto, após sonhar com sua liberdade, a personagem recrimina sua atitude, depois de refletir sobre seus pensamentos, ela observa seus limites e percebe que os ultrapassou e, mesmo sonhando com a diferença, torna a si, voltando a demonstrar submissão “Recriminei meu egoísmo, ter assim perturbado a noite de quem merecia recuperar-se para a jornada seguinte. Para esconder minha vergonha, trouxe-lhe café fresco e bolo de chocolate” (PINÓN, 1980, p. 21).

Como já foi citado no início desta análise, o texto de Pinón (1980) está repleto de ironias, depois que a personagem mergulha em um pensamento de liberdade, torna a si e volta a se reprimir, ela recebe de seu marido algumas informações sobre as despesas da casa e da firma, passando a acreditar que o sucesso de seu marido era graças a ela. A autora faz uso de uma cena caricaturada em relação ao papel feminino, onde a protagonista do conto diz “encarregava-me eu à distância de sua capacidade de sonhar” (PINÓN, 1980, p. 21). A mulher continua sem voz dentro de casa, permanece em posição de inferioridade, mas acredita que está em posição de igualdade com seu marido, acreditando que os sonhos dele dependiam dos esforços dela.

Silva e Príncipe (analistas do conto *I Love My Husband*), em seu texto *Condição Feminina Em I Love My Husband*, De Nélide Pinón, escrito em 2014, também afirmam

a ironia do texto de Pinõn, destacando que “um leitor atento, ou nem tanto, poderá notar que é uma história permeada de ironias e silêncios gritantes” (SILVA & PRÍNCIPE, 2014, p. 23). O fato de a personagem afirmar que se encarregava do sucesso de seu marido à distância, é apenas uma forma que ela encontra de se convencer de que seus esforços, mesmo que não reconhecidos, surtirão algum efeito, neste caso implicará no sucesso de seu esposo.

De Assis (também analista do conto *I Love My Husband*), em sua análise *Vozes Múltiplas Em “I Love My Husband” De Nélide Pinõn*, ressalta que “a mulher se manifesta por meio de uma fina ironia e, também, por intermédio do discurso indireta incorporando diferentes vozes no interior do discurso” (DE ASSIS, 2009, p. 82), neste contexto, dizer que a fala da personagem é dita de forma irônica torna-se coerente em virtude de todas as reflexões que ela já havia feito sobre sua posição dentro de casa. Dizer que a mulher aceitou voltar ao silêncio é um equívoco, pois sua atitude foi exatamente o contrário, ela apenas fingiu conformidade, afinal, seus pensamentos e desejos de liberdade continuaram.

Em seus pensamentos ela passa a dizer o que nos remete a um processo de internalização que pode lhe ter sido atribuído desde sua infância, a afirmação de que:

De tal modo atingira a perfeição dos sentimentos, que lhe bastava continuar em minha companhia para querer significar que me amava, eu era o mais delicado fruto da terra, uma árvore no centro do terreno de nossa sala, ele subia na árvore, ganhava-lhe os frutos, acariciava a casca, podendo seus excessos. (PINÕN, 1980, p. 21)

Com isso retornamos à Assis, que reflete “Cabe ao(à) leitor(a) a percepção de identificar a subversão na linguagem e, assim, detectar o cruzamento das vozes, nas quais a mulher repete o discurso do marido” (DE ASSIS, 2009, p. 82). A repetição das falas de seu marido nos mostra o quanto o patriarcalismo era presente na vida daquela mulher, a ela cabia a posição de contentamento, enquanto a ele estava atribuído o direito de fazer dela o que achasse melhor, posando-lhe os excessos, ou seja, tirando-lhe os sonhos e a liberdade. A personagem deixa claro que a seu marido estava atrelada a imagem de dominador e a ela a imagem de dominada.

Como a mulher não tinha o direito de conquistar, tendo como função apenas o existir para servir, a protagonista do conto cresceu com a frase “ser mulher é perder-se no tempo” (PINÕN, 1980, p. 21), deixando claro que essa era uma regra de sua mãe, outra mulher que podemos observar seguindo as regras da sociedade patriarcal

do século XX. Essa é uma imagem que Pinõn pode destacar como velha, a qual necessita ser quebrada, pois atribui à mulher uma imagem de inferioridade, tendo em vista que a própria narradora destaca que seus pais a ensinaram que só vive quem tem conquistas e quem deve trabalhar para conquistar é o marido, à mulher cabe o papel de servir e guardar-se para o marido.

Com uma educação que lhe ditou à regra de submissão, a personagem feminina de *I Love My Husband* não chegou a pensar em como seria sua vida de casada, seu anseio era o novo corpo que lhe foi prometido desde a sua infância e que ela receberia na noite de seu casamento, no ato sexual com seu esposo. Em seus pensamentos a narradora destaca:

Ou agradecer-lhe um estado que eu não ambicionara antes, por distração talvez. E todo este troféu logo na noite em que ia converter-me em mulher. Pois até então sussurravam-me que eu era uma bela expectativa. Diferente do irmão que já na pia batismal cravaram-lhe o glorioso estigma de homem, antes de ter dormido com mulher. (PINÕN, 1980, p. 22)

Aqui percebemos a mulher retomar a memória do período em que a ela foi atribuído o título de expectativa, por se tratar de uma mulher, enquanto ao seu irmão o título de homem, mesmo não precisando relacionar-se com uma mulher. Fernandes destaca que “Em se tratando de memória discursiva, não estão em questão as lembranças que cada sujeito tem do passado, mas sim a existência de um mundo sociocultural” (FERNANDES, 2008, p. 44), aqui não tratamos do pensamento da mulher em específico, mas nas diferenças existentes em relação aos gêneros, em sua infância ela já reparava na diferença de títulos que ela e seu irmão receberam. Diante das observações que a personagem faz da visão que se tinha de o ser feminino transformar-se em mulher, podemos fazer uma associação com o pensamento da autora Simone de Beauvoir (1980, p. 09), a qual afirma que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Seguida de sua afirmação, a autora contextualiza que não importa a origem nem as condições econômicas da mulher, o que a define como mulher é a sociedade, especificamente o homem.

Sobre essa memória a narradora destaca:

Sempre me disseram que a alma da mulher surgia unicamente no leito, unido seu sexo pelo homem. Antes dele a mãe insinuou que o nosso sexo mais parecia uma ostra nutrida de água salgada, e por isso vago e escorregadio, longe da realidade cativa da terra. A mãe gostava de poesia, suas imagens sempre frescas e quentes. (PINÕN, 1980, p. 22)

Aqui observamos uma estratégia discursiva de Pinõn. Em uma linguagem mais literária a autora demonstra a forma como romantizavam a transformação da mulher no leito matrimonial, o guardar-se para o marido.

Após retomar as memórias que tinha dos ensinamentos que a levaram a ser uma mulher disposta a servir ao seu marido, a autora volta a ironizar a relação do casal “Por isso talvez sejamos tão felizes como podem ser duas criaturas em que uma delas é a única a transportar para o lar alimento, esperança, a fé, a história de uma família” (PINÕN, 1980, p. 22). É nítida a insatisfação da personagem feminina, obviamente ela não se conformava em ver o seu marido sair e conquistar, enquanto ela tinha que ficar em casa, esperando que ele lhe levasse alguma novidade sobre a vida, sem poder construir a sua própria história.

Então ela comenta “Ele é único a trazer-me a vida, ainda que às vezes eu a viva com uma semana de atraso. O que não faz diferença” (PINÕN, 1980, p. 22), aqui encontramos mais caricaturação, é certo que faz diferença, se não fizesse, a mulher não comentaria. Ela não queria uma vida trazida por seu marido, ainda por cima “com uma semana de atraso”, seu desejo era viver a sua própria vida, ser dona de sua própria história. Sua afirmação é dita pelo avesso, sendo totalmente contrário o seu desejo.

Depois de ironizar o discurso de que seu esposo lhe levava a vida, a mulher retoma seus pensamentos que revelam quem ela quer ser e quem permitem que ela seja:

Ah, quando me sinto guerreira, prestes a tomar das armas e ganhar um rosto que não é o meu, mergulho numa exaltação dourada, caminho pelas ruas sem endereço, como se a partir de mim, e através do meu esforço, eu devesse conquistar outra pátria, nova língua, um corpo que sugasse a vida sem medo e pudor. E tudo me treme dentro, olho os que passam com um apetite de que não me envergonharei mais tarde. Felizmente, é uma sensação fugaz, logo busco o socorro das calçadas familiares, nelas a minha vida está estampada. As vitrines, os objetos, os seres amigos, tudo enfim orgulho da minha casa. (PINÕN, 1980, p. 22)

A personagem é dada a ler como alguém que luta consigo mesma, por mais que ela deseje ser “guerreira, prestes a tomar das armas e ganhar um rosto” que não lhe pertence, ela reconhece que não lhe permitem ir tão além. Ela é uma dona de casa e, em sua repreensão, ela diz ter orgulho de sua casa. Neste trecho a narradora nos mostra três imagens suas, quem ela gostaria de ser (uma mulher livre), quem a

permitem ser (uma mulher submissa, que tem a vida baseada no que seu marido lhe impõe) e quem ela realmente é (uma dona de casa, orgulhosa de seu lar).

Após a viagem que a fez refletir sobre quem gostaria de ser, a mulher destaca “nunca mencionarei ao meu marido estes galpões perigosos e breves” (PINÕN, 1980, p. 22). Aqui ela faz uma retomada de tudo o que já imaginou, suas aventuras ocultas e as ironias em suas práticas. Ela é uma mulher que cansou da mesmice, mas que finge aceitar para manter sua paz conjugal, seus atos repetitivos demonstram o quão monótona é a sua vida, suas aventuras denotam o desejo que ela tem de conquistar um lugar de igualdade na sociedade.

Por fim, a narradora retorna à afirmação que disse no início do conto, entretanto, é notória a diferença de sentido na sua frase. “Ah, sim, eu amo meu marido”, depois de tanta ironia ela faz o uso da locução conjuntiva subordinativa concessiva “ainda que” antes de reafirmar o amor que tem por seu marido. O uso da locução “ainda que” significa que a personagem não sentia prazer em realizar tais tarefas. Observando o fato de que a personagem aponta seus afazeres como uma forma de provar para si mesma o amor que dizia sentir por seu marido, dizer que às vezes fazia sem vontade, é mais uma forma de provar que não havia mais amor entre o casal e/ou que o relacionamento caiu em uma monotonia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trabalhar na pesquisa e escrita desta monografia, deparamo-nos com alguns conceitos de empoderamento, todos com a mesma linha de raciocínio de que empoderar está ligado ao ato de dar ou obter poder. Baquero (2012) afirma que o poder se constrói individualmente, e percebemos o empoderamento da personagem feminina do conto *I Love My Husband* (1980) se dando de forma individual.

O poder da mulher se deu a partir do saber de que ela se encontrava em posição de inferioridade na sociedade em que vivia. Ao perceber a grande diferença de posição social entre ela e seu esposo, a mulher passou a almejar uma vida distinta da qual ela era submetida. Foucault (2008, p. 204) associa o saber a um “conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência”. Percebemos, na formação discursiva do conto, Pinõn (1980) fazendo o uso de uma linguagem cômica para desconstruir o papel de submissão da mulher em uma sociedade patriarcal.

A partir da visão de Foucault (2008) de que

Diferentemente de todas essas interpretações cuja própria existência só é possível pela raridade efetiva dos enunciados, mas que entretanto não tomam conhecimento dela, e, ao contrário, tomam como tema a compacta riqueza do que é dito, a análise das formações discursivas se volta para essa raridade; toma-a por objeto explícito; tenta determinar-lhe o sistema singular; e, ao mesmo tempo, dá conta do fato de que pôde haver interpretação. Interpretar é uma maneira de reagir à pobreza enunciativa e de compensá-la pela multiplicação do sentido; uma maneira de falar a partir dela e apesar dela. (FOUCAULT, 2008, p. 136)

Percebemos a ironia presente nas ações da personagem feminina do conto, a qual afirmava “Eu amo meu marido” (PINÕN, 1980, p. 20), mas apresentava atividades superficiais do dia-a-dia, como fazer o café da manhã, ajeitar o nó da gravata e abrir as janelas da casa para que o sol entrasse, para justificar o seu amor. Além da figura do amor superficial, a personagem desconstruiu seu discurso de amor algumas vezes, como por exemplo quando citou “[...] homem que todos dizem eu amar. [...] homem que dizemos amar” (PINÕN, 1980, p. 20). Dizem que ela ama, construíram uma imagem de amor que para ela não parece válida. Ela diz amar, se ela realmente amasse, manteria o discurso de que o ama, mas não, apesar de iniciar e concluir o discurso dizendo amar o seu marido, ela deixa subentendido que esse amor é apenas aparência.

Observamos Pinõn (1980) construir um empoderamento feminino diferente do tradicional, a autora não nos apresenta uma mulher cheia de conquistas ou com autoridade dentro de sua casa, ela nos mostra uma mulher convicta de que pode ser mais do que lhe permitem ser, e através do ironismo desconstrói a velha imagem de mulher submissa e marido dominador.

Notamos a autora criticar a sociedade patriarcal e a forma como a mulher era representada no século XX. A autora constrói uma personagem que grita em silêncio para que a libertem das algemas que o homem lhe colocou, mostrando que essa imagem de que mulher é inferior ao homem e deve ser moldada por ele deve ser quebrada.

Concluimos que o empoderamento feminino do texto se materializa na história de mulheres que viveram no passado, mas que almejavam viver em uma sociedade onde elas pudessem ser o que quisessem ser. O empoderamento feminino se deu através do reconhecimento que a personagem feminina teve da posição humilhante em que a colocaram, do conhecer a si mesma e as suas limitações, compreendendo o poder que teria se pudesse, assim como o homem, construir o futuro.

REFERÊNCIAS

- BAQUERO, Rute Vivian Angelo. **Empoderamento**: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. Porto Alegre: Revista Debates, 2012. v. 6, n. 1, p.173-187.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: A experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia [sic] do Livro, 1980.
- BEZERRA, Juliana. Feminismo no Brasil. **Toda Matéria**, 2020. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/feminismo-no-brasil/>>. Acesso em 01 ago. 2021.
- BORBA, Maria Antonieta Jordão de Oliveira. Pensamento filosófico da Desconstrução e Teoria da Interpretação. Rio de Janeiro: **SOLETRAS**, 2012. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/3800/2633>>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura**: Algumas Considerações. Goiás: Revista de Teoria da História, 2010. v. 1, n. 3, p. 94-109.
- CHARTIER, Roger. **Literatura e História**. Rio de Janeiro: Topoi, 1999. n. 1, p. 197-216.
- CORRÊA, Guilherme Torres.; RIBEIRO, Victoria Maria Brant. **Dialogando com Bakhtin**: algumas contribuições para a compreensão das interações verbais no campo da saúde. Interface - Comunic., Saude, Educ., v.16, n.41, p.331-41, abr./jun. 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/Kk3FwJk9NrLxf79hLTfH3Kr/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 04 abr. 2022.
- CULLER, Jonathan. **Teoria Literária**: uma introdução. Tradução Sandra Vasconcellos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.
- DE ASSIS, Elma Carolina Gomes de. **Vozes múltiplas em “I Love My Husband” de Nélide Piñon**. Orientador: Maria Luiza Ferreira Laboissière de Carvalho. 2009, 127 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras: Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2009. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3268>>. Acesso em: 29 mar. 2022.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: Reflexões Introdutórias. São Carlos: Claraluz, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GAMA-KALIL, Marisa Martins. **O Espaço do Fantástico como Leitor das Diferenças Sociais**: Uma Leitura de “O Homem Cujá Orelha Cresceu”. Belo Horizonte: O Eixo e a Roda, 2008. v. 17.

GAMA-KALIL, Marisa Martins. **O Lugar Teórico do Espaço Ficcional nos Estudos Literários**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2010. p. 213-236.

GAMA-KALIL, Marisa Martins. **A Literatura Fantástica**: Gênero ou Modo?. Terra Roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários, Uberlândia, v. 26, p. 18-32, dezembro de 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**: Diálogos & Duelos. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Estilística e discurso**: estudos produtivos sobre texto e expressividade. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

LAJOLO, Marisa. **A figura do negro em Monteiro Lobato**. São Paulo: Unicamp/IEL, 1998. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

LOBO, Luiza. **A literatura de autoria feminina na América Latina**. Rio de Janeiro: Revista Mulher e Literatura, 1999. Disponível em: <<https://xdocs.com.br/doc/a-literatura-de-autoria-feminina-na-america-latina-eqnjpv6kr9n6>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a Filosofia e a Literatura**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**: enunciação, escritor, sociedade. Tradução de Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise do discurso e literatura**: problemas epistemológicos e institucionais. Tradução Roberto Leiser Baronas. Créteil: Université Paris-Est, 2003.

MCKENZIE, Sheena. **Talibã assume o Afeganistão. O que isso significa para mulheres e meninas?**: Liderança feminina teme o que acontecerá com o tom aparentemente moderado do talibã. CNN Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/taliba-assume-o-afeganistao-o-que-isso-significa-para-mulheres-e-meninas/>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

MENDONÇA, Camila. Feminismo. **Educa mais Brasil**, 2019. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/feminismo>>. Acesso em: 01 ago. 2021.

MILANEZ, Nilton. BARROS-CAIRO, Cecília. GAMA-KALIL, Marisa Martins (Org.) **Espaços, Corpos e Subjetividades Insólitas e Horríficas na Literatura e no Cinema**. Maracanã: Dialogarts, 2015.

MOIANO, Douglas. A Identidade Feminina em “I Love My Husband”, de Nélida Pinõn. **Revista Novas Letras**, 2011. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/revistanovasletras/edicao-2011/02---douglas-da-silva-moiano>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

OLIVEIRA, Ana Tereza Pinto de. **Minimanual compacto de redação e interpretação de texto**: Teoria e prática. 1. ed. São Paulo: Rideel, 2003.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 1999. p. 9-17.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2003.

OTTO, Isabella. O feminismo é sobre empoderar as mulheres, mas não é sobre amar todas elas. **Capricho**, 2021. Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/comportamento/o-feminismo-e-sobre-empoderar-as-mulheres-mas-nao-e-sobre-amar-todas-elas/>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

PERENCINI, Tiago Brentam. **O enunciado no pensamento arqueológico de Michel Foucault**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2015. p. 135-150. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/5709>>. Acesso em: 04 abr. 2022.

PINÕN, Nélida. **Nélida Pinõn e o feminismo**. Grupo Editorial Record, Rio de Janeiro, 13 dez. 2016. Disponível em: <<https://www.record.com.br/nelida-pinon-e-o-feminismo/>>. Acesso em: 20 jan. 2022.

PIÑON, Nélida. **O calor das coisas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. p. 20-23.

PONTES, Marta. **Minimanual de redação e literatura**. São Paulo: DCL, 2010.

SARDENBERG, Maria Bacellar Sardenberg. Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista. Bahia: **Repositório UFBA**, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2021.

SILVA, Francýlle Ribeiro da. PRÍNCIPE, Patrícia Francýane Lopes. **Condição Feminina em I Love My Husband, de Nélida Pinõn**. Alagoas: UNIFAL, 2015. Disponível em: <<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/468/369>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

TAVARES, Lúcia Helena Medeiros da Cunha. **Mulher, trabalho e família**: jogos discursivos e redes de memória na mídia. 2012. 253 f. Tese (Doutorado em

Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6385>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

ZOLIN, Lúcia Osana. **A representação da mulher na narrativa de Nélide Piñon**. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, Jan - jun de 2008. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1112/950>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

104 PAÍSES proíbem a mulher, por lei, de fazer alguma coisa - e o Brasil está no grupo. **Época Negócios**, 2018. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2018/06/104-paises-proibem-mulher-por-lei-de-fazer-alguma-coisa-e-o-brasil-esta-no-grupo.html>>. Acesso em: 12 ago. 2021.